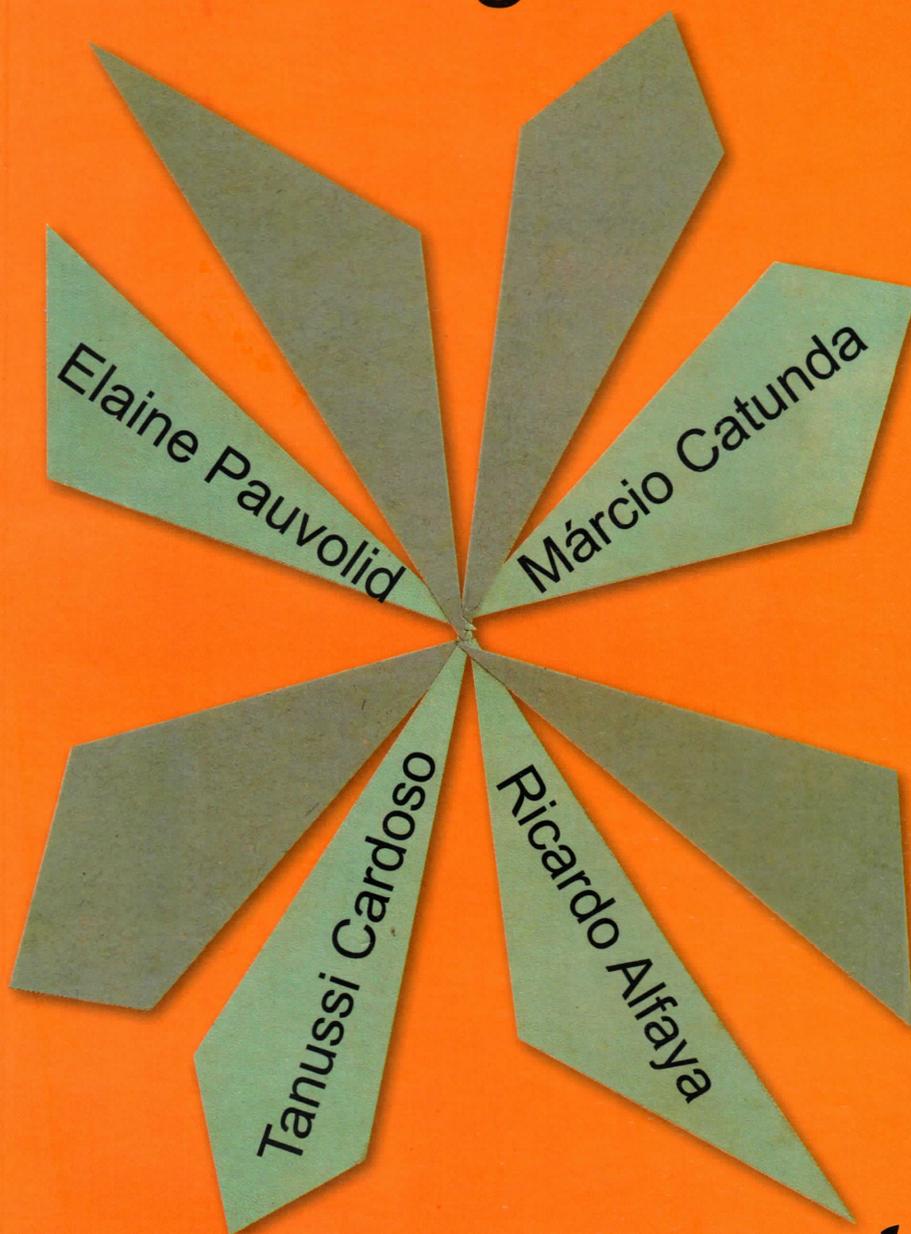


Quadrigrafias

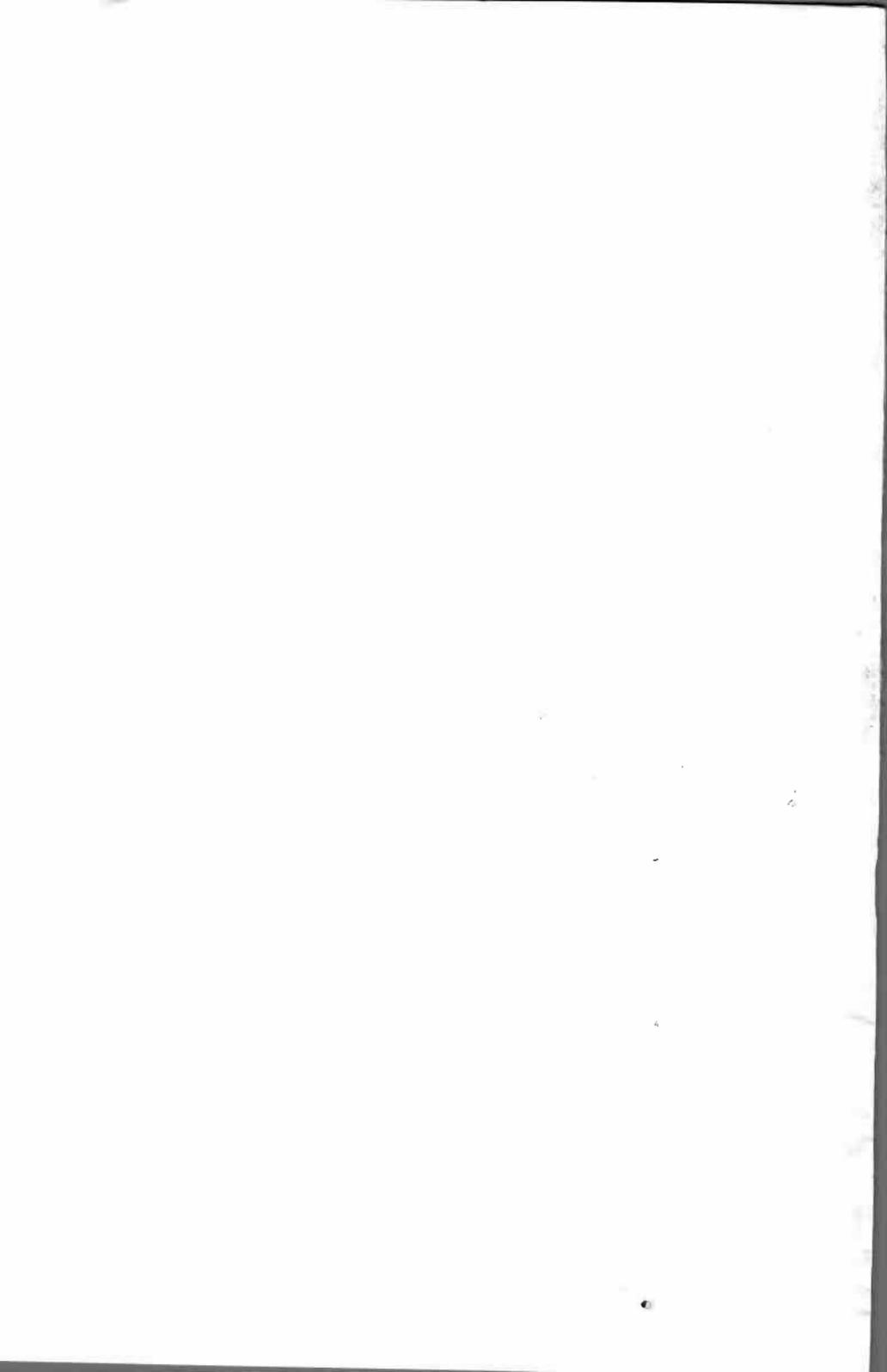


Em O silêncio como contorno da mão, Elaine Pauvolid opta, em quase todo o livro, por poemas minimalistas, quase haicais, quase aforismos tendo o silêncio como leitmotiv de seus versos. O silêncio da criação, o silêncio da solidão. Sombra ou sobre o que se diz ou do que representa, o silêncio situa-se na origem da poesia pois ela é a palavra tentando calar. Vale mais pelo que não diz. Essa compreensão da importância da enunciação gerou um desempenho mais maduro da poeta. Podemos constatar pela economia verbal bem posicionada e pelo mergulho num universo em que a verdade não se comunica (Suzana Vargas, em Poemas minimalistas de Elaine Pauvolid revelam uma autora amadurecida, O Globo Prosa e Verso, 31.12.2011).

Meu querido poeta e amigo Márcio Catunda: Neste fim de semana, em Escombros e Reconstruções foi minha leitura e releitura, e de ambas recolhi a impressão de estar diante do seu melhor livro. Daquele em que você, vindo de várias vertentes, enfim se encontrou. Compacto, reúne vozes diversas numa única voz, na qual o sussurro e o grito se unem; o irônico e o imprecatório se ombreiam; a suavidade lírica se abre como um leque. É já um livro em que Márcio Catunda se ergue inteiro, no uso pleno de seu arsenal poético, tanto no plano retórico do uso da linguagem quanto no plano contedístico. O uso imodera-

Ao
Santos
Com os cumprimentos
Ricardo Afay
Rio de Janeiro,
03.02.2016.

Quadrigrafias



SUMÁRIO

Apresentação: Retroalimentação – Elaine Pauvolid	13
LIVRO I:	17
SILÊNCIO-ESPAÇO - Elaine Pauvolid	
O silêncio como contorno da mão	19
Antes	20
A solidão.....	21
Você é.....	22
Silêncio.....	23
Viver	24
O silêncio.....	25
Ainda que	26
Parte.....	27
Sapos	28
Cobra.....	29
Flechar-te	30
Coisas secretamente.....	31
Cor.....	32
Um caminho	33
Sol	34
Estou inerte	35
Deus o silêncio abrasa	36
Que diz	37
A verdade	38
Quanto mais	39
Deus	40
Pensamentos tentam.....	41
Não é a energia	42
Poemas não sei o que são.....	43
O silêncio como contorno da mão.....	44

Poemas para projetor	45
Poema 1	47
Poema 2	48
Poema 3	49
Poema 4	50
Poema 5	51
Poema 6	52
Poema 7	53
Poema 8	54

LIVRO II:	57
------------------------	----

DIAS INSÓLITOS - Márcio Catunda

A poesia como força transformadora – <i>Ricardo Alfaya</i>	59
Elegias de inverno	62
Haicai 1	62
Poema de fevereiro	63
O viajante Li Po	67
Epifanias	68
Recordação	68
Votos fraternos a Ricardo Alfaya	69
Apesar de tudo	70
Meditação espiritual 1	71
Haicai 2	71
Veredas marginais	72
Oração ao herói do labirinto	73
Tentativa de entender Antonin Artaud.....	74
Bênçãos	75
Celebração do tempo	76
Réquiem	77
A outra noite	78
Haicai 3	78
<i>Incantesimo</i>	79
Morfeu	80
Chuva	81
Haicai 4	81
Epigramas	82
Poemas ecológicos	83
Meditação espiritual 2	84
Haicai 5	84

O sol da Rua Bagnolet	85
Haicai 6	85
Orfeu da perdição	86
Vagabundagem lírica	87
Despertar	88
Imagens do mar de Saint-John Perse	88
Revelações	89
Poema zen	89
Dom Severo	90
Haicai 7	90
Dona Zenilda	91
Realidade	92
O Gitânjali de Rabindranath Tagore	93
Haicai 8	93
Pelas calçadas da dúvida	94
Rubaiyat	95
Haicai 9	95
Peregrinação à sepultura de Pound	96
Dualidade humana	97
Viagem com os anjos alucinantes de Rainer Maria Rilke	98
Meditação espiritual III	98
À luz dos preceitos de Goethe	99
Contrição à maneira de Al-Hallaj	100
Haicai 10	100
Raymond Queneau define o tempo	101
O hedonismo de Constantino Kavafis	102
Sede de êxtase	103
Haicai 11	103
Haicai 12	103
Diante do azul	103
Poema taoista	104
Haicai 13	104
Haicai 14	104
Chuva de outono	104
Meditando com Horácio	105
Que remédio?	105

LIVRO III:	107
-------------------------	-----

ÁLBUM SEM FAMÍLIA - *Ricardo Alfaya*

A respeito de <i>Álbum sem Família</i> – <i>Tanussi Cardoso</i>	109
Foto 001: Ecocardiograma	112

Foto 002: Autorretrato.....	112
Foto 003: Apesar de Freud.....	112
Foto 004: Álbum sem família.....	113
Foto 005: Flagrante na cozinha.....	113
Foto 006: Agora em retratos.....	114
Foto 007: Quadro.....	114
Foto 008: Retratos para esquecer.....	115
Foto 009: Cliques!.....	115
Foto 010: <i>Close</i>	115
Foto 011: Senhor de mim.....	115
Foto 012: Poema monstro.....	116
Foto 013: Torrente.....	116
Foto 014: Retratos no tapete.....	117
Foto 015: Deusa.....	117
Foto 016: Oswaldiano.....	117
Foto 017: No coração de Madri.....	118
Foto 018: Moleque ao sol entre flanelas.....	119
Foto 019: Oficina de sombras.....	119
Foto 020: Bar do Jesus.....	120
Foto 021: Parede feita musa.....	120
Foto 022: A angústia do hipopótamo.....	121
Foto 023: Sujeito inexistente.....	121
Foto 024: Conto de fados.....	121
Foto 025: Colagem ao léu.....	122
Foto 026: Lanterninha.....	122
Foto 027: Monte Sinai.....	122
Foto 028: O sorriso da maçã.....	123
Foto 029: Carta.....	123
Foto 030: Sem alma.....	123
Foto 031: A tarde desnuda.....	124
Foto 032: Farto.....	124
Foto 033: Templo nublado.....	124
Foto 034: Vidências.....	125
Foto 035: O ato da escrita.....	125
Foto 036: Perdida perdiz.....	125
Foto 037: Você é a minha noite.....	126
Foto 038: Poema mio.....	126
Foto 039: Sem ponto de fuga.....	127
Foto 040: Atrás do monte.....	127
Foto 041: Por causa de Nietzsche.....	128
Foto 042: Três peregrinos e um coração.....	128
Foto 043: Curta-metragem.....	129
Foto 044: <i>Flash</i>	129
Foto 045: Através da vidraça 2.....	129

Foto 046: Esboço de reportagem.....	130
Foto 047: Queima de estoque.....	130
Foto 048: Família fora de foco.....	131
Foto 049: Treinamento.....	131
Foto 050: Filme repetido.....	132
Foto 051: Sob o olhar do Sol.....	132
Foto 052: Mortuário.....	133
Foto 053: Na balança.....	133
Foto 054: Retrato que sorri.....	134
Foto 055: Flagrante numa praia vazia.....	134
Foto 056: Diante da porta.....	135
Foto 057: A espera.....	135
Foto 058: Morre a dor em Madri.....	136
Foto 059: Correnteza.....	136
Foto 060: Selo de garantia.....	137
Foto 061: Passeio num bosque de espelhos.....	137
Foto 062: Raios X da morte.....	138
Foto 063: Madrugada sobre tela.....	138
Foto 064: O brilho do Sol em Zamora.....	139
Foto 065: Sangria.....	139
Foto 066: Peso pluma.....	140
Foto 067: Porcelana chinesa.....	140
Foto 068: A Madri que viverá.....	141
Foto 069: Quebra-nozes.....	141
Foto 070: Repórter sem furo.....	142
Foto 071: A execução.....	142
Foto 072: Fotogramas.....	142
Foto 073: Retrato de Olinda.....	143
Foto 074: Véspera de feriado.....	143
Foto 075: Tirada por mim.....	144
Foto 076: Notícia fabulosa.....	144
Foto 077: Serviço de limpeza urbana.....	144
Foto 078: Três pássaros.....	145
Foto 079: Só nós dois.....	145
Foto 080: Visita ao museu.....	146
Foto 081: Após o romper do dia.....	146
Foto 082: Roda!.....	147
Foto 083: Inspeção de rotina.....	147
Foto 084: Agora é tarde.....	147
Foto 085: Fecha-se o diafragma.....	148
Foto 086: De noite na necrópole.....	148
Foto 087: O melhor da vida.....	149
Foto 088: É fantástico.....	149
Foto 089: Planetário da Gávea.....	150

Foto 090: A revelação do negativo	150
Foto 091: Sessão da madrugada	150
Foto 092: <i>Déjà vu</i>	151
Foto 093: Perplexidade lexical	151
Foto 094: Imagem flutuante.....	151
Foto 095: Nações Unidas, pastel sobre tela.....	152
Foto 096: Morte e paixão.....	153
Foto 097: Toque preciso	153
Foto 098: Besteira	154
Foto 099: O primeiro passo	155
Foto 100: Mesa para quatro	155

LIVRO IV:	157
------------------------	-----

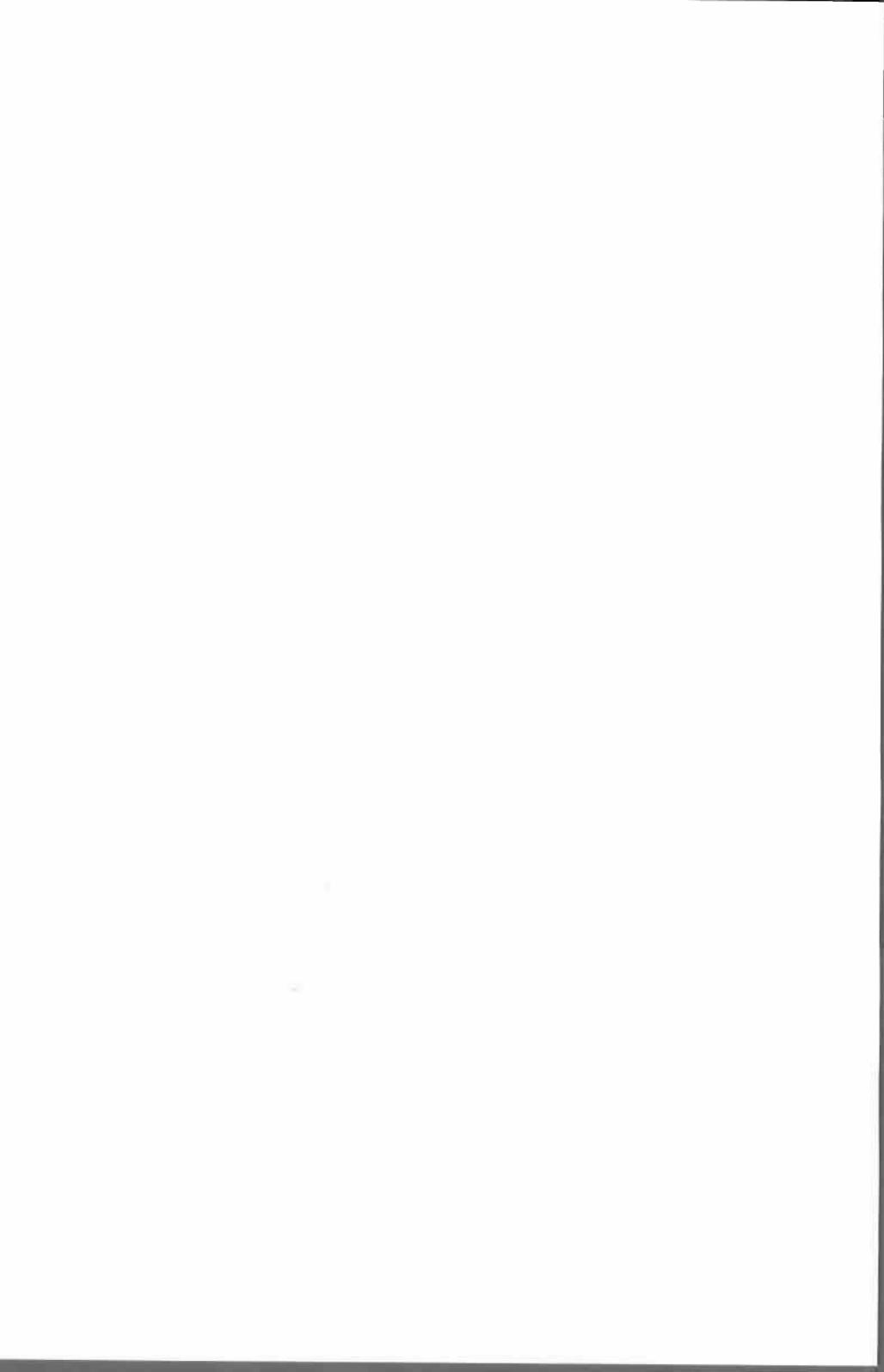
DOS SIGNIFICADOS - Tanussi Cardoso

Um poeta em busca dos significados – <i>Ricardo Alfaya</i>	159
--	-----

1ª Parte: Dos Silêncios	161
Poesia é.....	162
Antes do poema	163
Gênesis (Os nomes).....	164
Nascimento.....	165
Asas.....	166
Autorretrato.....	166
Reverberações	167
A morte das coisas	168
Oração I.....	169
Oração II	169
As falas do coração	170
Da origem	170
Rastros	171
Dentes	172
Fatal.....	173
O tempo presente.....	173
Variação sobre um mesmo tema.....	174

2ª Parte: O Amor e Suas Reticências	175
Um poeta	176
Parafraseando Mia Couto.....	176
O amor e suas reticências.....	177
Para José Inácio Vieira de Melo.....	178
Entre lençóis.....	178

Por acaso.....	179
Balada da despedida.....	180
Das possibilidades.....	181
Setembros.....	182
Dos significados.....	182
A seus pés.....	183
O amor é.....	184
3ª Parte: Das Cidades	185
Retrato.....	186
Memória.....	186
8 Motivos da cidade.....	187
<i>Memorabilia</i>	188
Quadro.....	188
Oceanos.....	189
História que o vento leva.....	190
Infância (Superstição).....	191
Engraxates.....	192
Menino de rua.....	193
Luz.....	194
Noturno de São Pedro da Serra.....	195
Indiscernível.....	196
Apenas uma razão.....	197
A vida como notícia.....	197
Da observação dos gatos.....	198
7 Perguntas ao poema.....	199
Biografias dos Autores	203



RETROALIMENTAÇÃO

Elaine Pauvolid

Q*uadrigrafias* resulta de uma parceria idealizada por Márcio Catunda, contendo poemas dele, de Ricardo Alfaya, Tanussi Cardoso e meus, Elaine Pauvolid. A proposta é publicar livros independentes entre si, reunidos num único livro, o que não exclui uma troca contínua entre os autores no processo de criação. Nossas primeiras produções nesse formato foram *Rios* (Ibis Libris, 2003, Rio de Janeiro) e *Vertentes* (Five Star, 2009, Rio de Janeiro).

Ricardo Alfaya, nesta edição, participa com *Álbum sem Família*, que remete ao universo fotográfico. Além disso, o título subverte o significado do tradicional álbum de família, ao substituir a preposição *de* por *sem*. Desse modo, denuncia a existência de uma contradição: se, por um lado, o costume do álbum de família manifesta o desejo de o homem catalogar, armazenar, arquivar, registrar sua memória, por outro, também expressa melancolia. Afinal, esse álbum termina por ser, igualmente, o registro da falência dos ideais burgueses. Ideais que não resistem a um olhar mais sensível, capaz de ultrapassar a crença nas convenções sociais. Alfaya, há muitos anos, dedica-se também à poesia não versificada, com valorização do suporte e dos símbolos gráficos. O escritor apresenta agora instantâneos poéticos, que fazem com que o texto praticamente se plasme em imagem, como

se narrasse o momento em que o fotógrafo flagra e congela a cena para sempre. Aliás, até a formatação realizada por Alfaya remete a isso.

Márcio Catunda, em *Dias Insólitos*, mantém a temática da iluminação, da elevação espiritual, da sacralização da vida. Considera-se um humanista e seus poemas contêm a eloquência dos grandes discursos. Exalta as belezas das praias, das mulheres, dos grandes heróis. Surge, muitas vezes, com um conteúdo próximo ao que caracteriza uma elegia. Revela, também, lamentos pela distância da terra amada e pela perda de entes queridos. Reflete, ainda, a perplexidade de Márcio, decorrente da constatação da efemeridade e banalidade da vida. Outra característica é a relação intensa que mantém com o Rio de Janeiro. Exilado que está do Brasil, devido à carreira de diplomata que abraçou, faz lembrar um pouco a relação da brasileira naturalizada, Clarice Lispector, com sua Recife. No caso específico dela, dizia que conhecer outros países pouco interferiu na sua escrita, ao que acrescentava: *Mas Recife sempre esteve ali, firme* (Benjamin Moser, 2011). Talvez seja esse sentimento também que norteie a grafia de Márcio, em relação à influência decisiva com que o Brasil marcou sua lírica. Especificamente, a cidade do Rio de Janeiro.

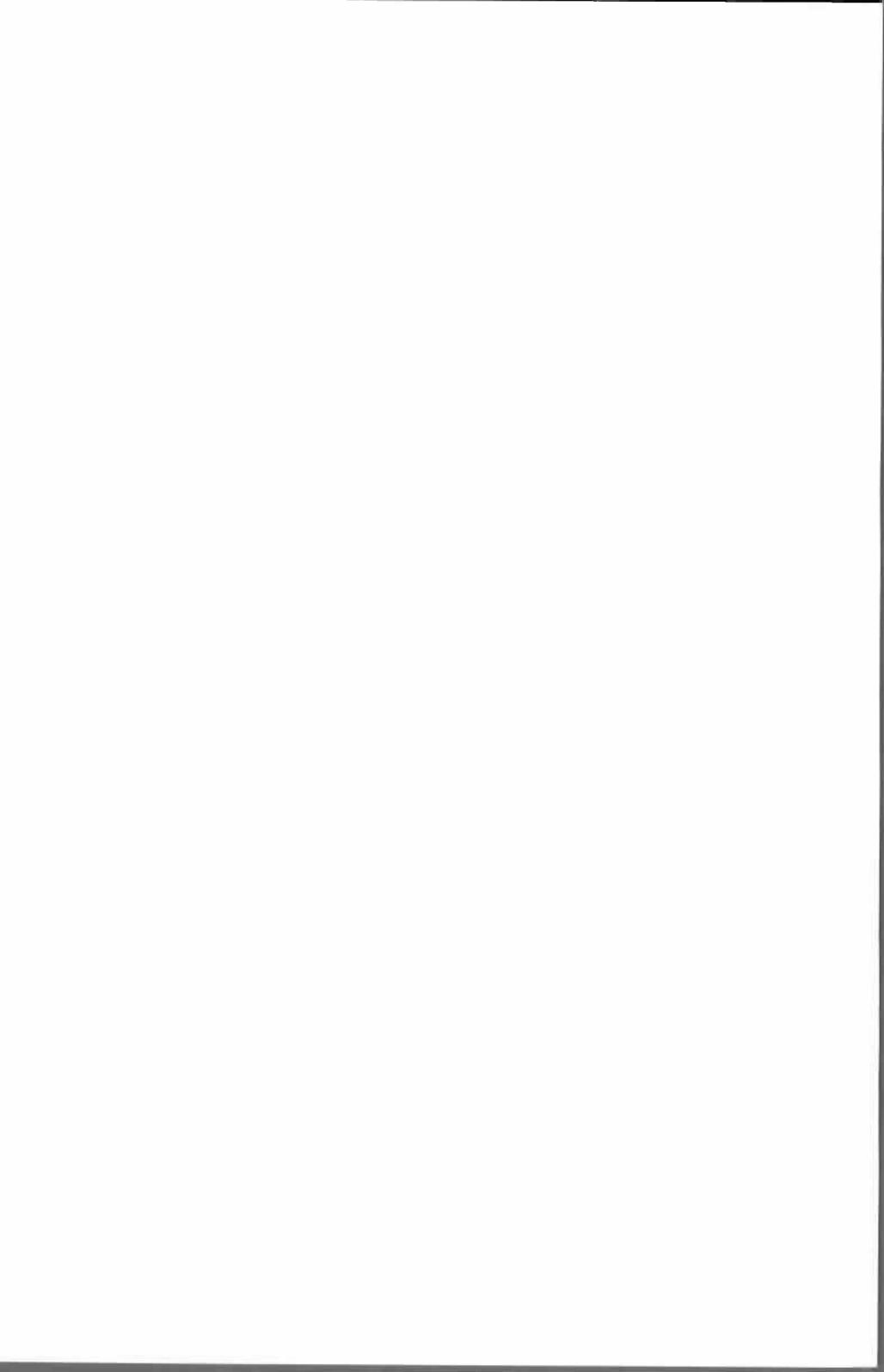
Tanussi Cardoso apresenta *Dos significados*. Um retorno às origens. Encontramos títulos como: *Antes do poema, Gênese e Nascimento*. Da mesma forma que ocorre em *Álbum sem Família*, de Ricardo Alfaya, é relevante notar a escolha temática de Tanussi Cardoso. Observa-se o contraste em relação a seus trabalhos anteriores. Agora, a força motriz da vida parece interessar-lhe tanto ou tanto mais que o universo da morte. Em virtude da recorrência deste tema nos

livros anteriores, perguntei-lhe sobre o significado de seu nome e se já havia notado que possui semelhança com Tântatos. Freud utilizou esse personagem da mitologia grega para falar de pulsão de morte. Partindo do ponto de vista de que tudo conduz seu avesso, a pulsão de morte é indissociável da pulsão de vida. Quando Tanussi traz Tântatos no nome próprio e na poesia, traz a força da vida, em diálogo de igual para igual, com a mesma força, a mesma potência. Como Eros e Tântatos, ao mesmo tempo. *Dos significados* é uma constatação disso.

Participo com *Silêncio-Espaço*, composto de poemas de *O silêncio como contorno da mão* (Selo Orpheu, 2011, Rio de Janeiro), revisitado, e *Poemas para projetor*. O primeiro surgiu a partir de meu interesse pelo tema do vazio. Tanto no que diz respeito à ausência de objetos quanto na impossibilidade da palavra em dizer completamente, o que é o motor do fazer poético. Um interesse semelhante guiou-me em *Poemas para projetor*, em que há preponderância da página em branco, da área que se encontra entre as letras e no entorno.

Vejo *Quadrigrafias* como um instantâneo de nossa produção, capturado pela câmera abstrata de Alfaya; revelado pelo idealismo *insólito* de Márcio Catunda; retocado pelos *significados* de Tanussi; e que tento ampliar pela impossibilidade do *silêncio*. Quatro grafias que operam num ciclo incessante de retroalimentação.

Rio de Janeiro,
Julho, 2014



SILÊNCIO-ESPAÇO



Elaine Pauvolid

AGRADECIMENTOS:

Alexandre Guarnieri

Alex Hamburger

Anderson Fonseca

José Maria Dias da Cruz

Leonardo Villa-Forte

Lilian Zaremba

Márcio Catunda

Mariel Reis

Olga Savary

Ricardo Alfaya

Tanussi Cardoso

o silêncio como contorno da mão

Estes poemas fazem parte do livro
o silêncio como contorno da mão
(Selo Orpheu/Multifoco, 2011)

antes meu obtuso mar ao avesso
e suas corcovas dançarinas

a solidão tem coisas que a gente só sabe
depois que morre

you are guilty
for bringing the apocalypse
in your hands

silêncio é sol batendo no concreto
céu azul por perto

viver ao
silêncio
quando

o silêncio como usura da mão
o silêncio como vontade de chão
o silêncio como vontade do sim
o silêncio como entrega do não

ainda que existam ritos e risadas ancestrais
hoje continua sendo
um dia provisório

Parte

não sou forte
não sou mais que posso
e não posso nada
que não seja parte

não sou forte
não sou mais que posso
e não possuo nada
que não me seja parte

sapos procuravam
partes cheias de silêncio

sob instinto silenciavam

partes cheias de silêncio
sapos encontravam

cobra
sua cauda oblonga
cobra nada

flechar-te

flecha quando parte
não lembra deus nem arte
flecha quando parte quer
flechar-te

coisas secretamente acontecem
entre espelho e ar

cor que se pensa cor
não é tão cor
quando se pensa dentro

um caminho é silêncio

sol
vai levantar-se
dia após dia até cansar-se
sol

estou inerte
presa
presa
presa
presa
presa à pressa

deus o silêncio abrasa
deu-se o silêncio à brasa
deus o silêncio abraça

que diz instrumento mudo?

a verdade não se comunica

quanto mais
vivo mais
morro

quanto mais
morro mais
vivo

deus não é pessoa
é folha

pensamentos tentam silenciar
o silêncio nada silencia

não é a energia que me faz silente
é o cavalo que ela traz sem rumo

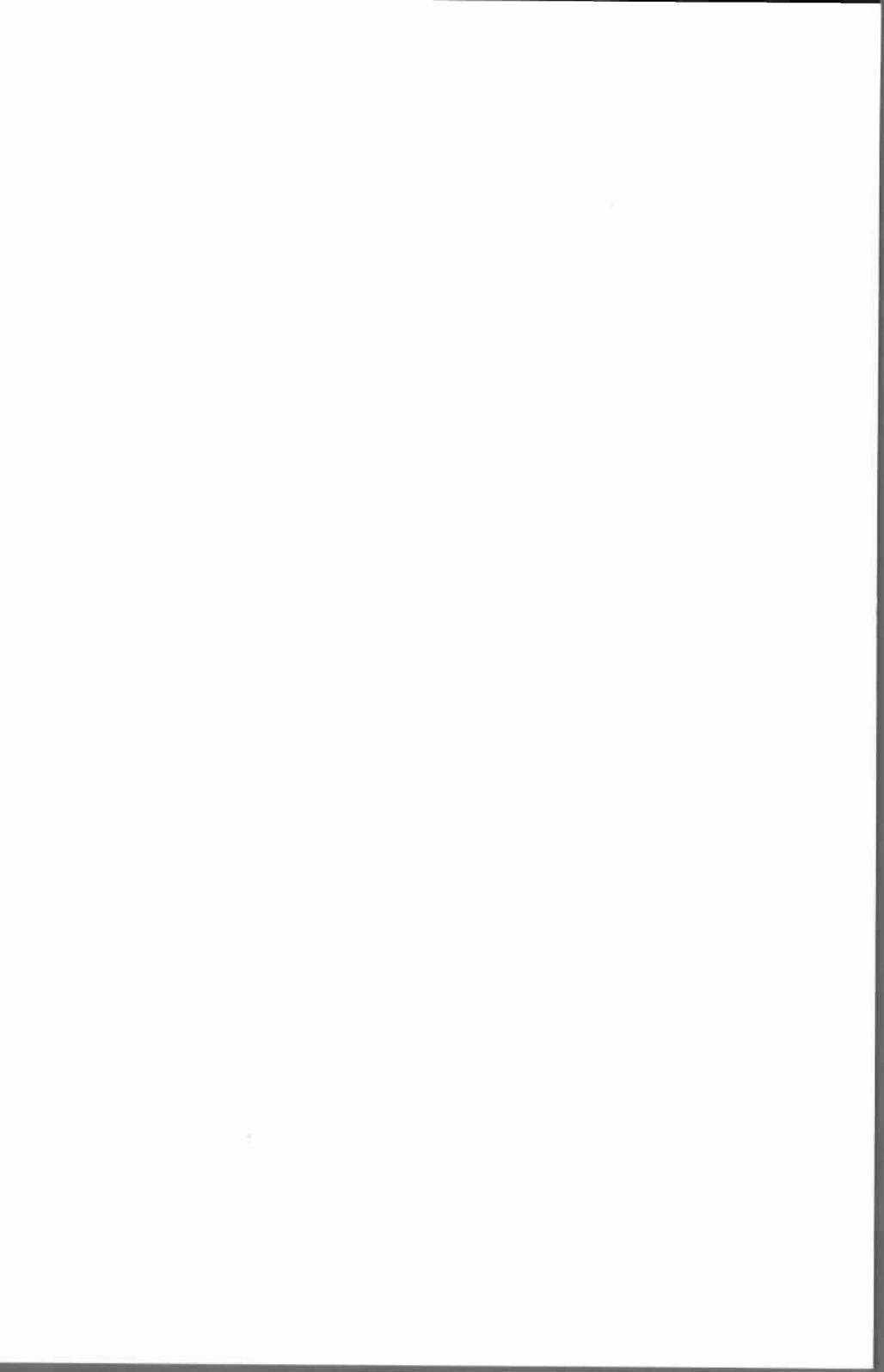
o silêncio como contorno da mão

ao silêncio o vasto e lento não
o contorno como solução da mão
o silêncio como contorno da mão
o verso, a fronteira, o nunca
senão contorno
o vazio, não

o silêncio como contorno da mão

poemas não sei o que são
sei que nascem e flutuam
vidências

poemas para projetor



acaso

muda

não

destino

não

acaso

destino

muda

muda

não

acaso

destino

muda

destino

não

acaso

acasoscb
acasoscb

world

spunos

world

ra

pa
la

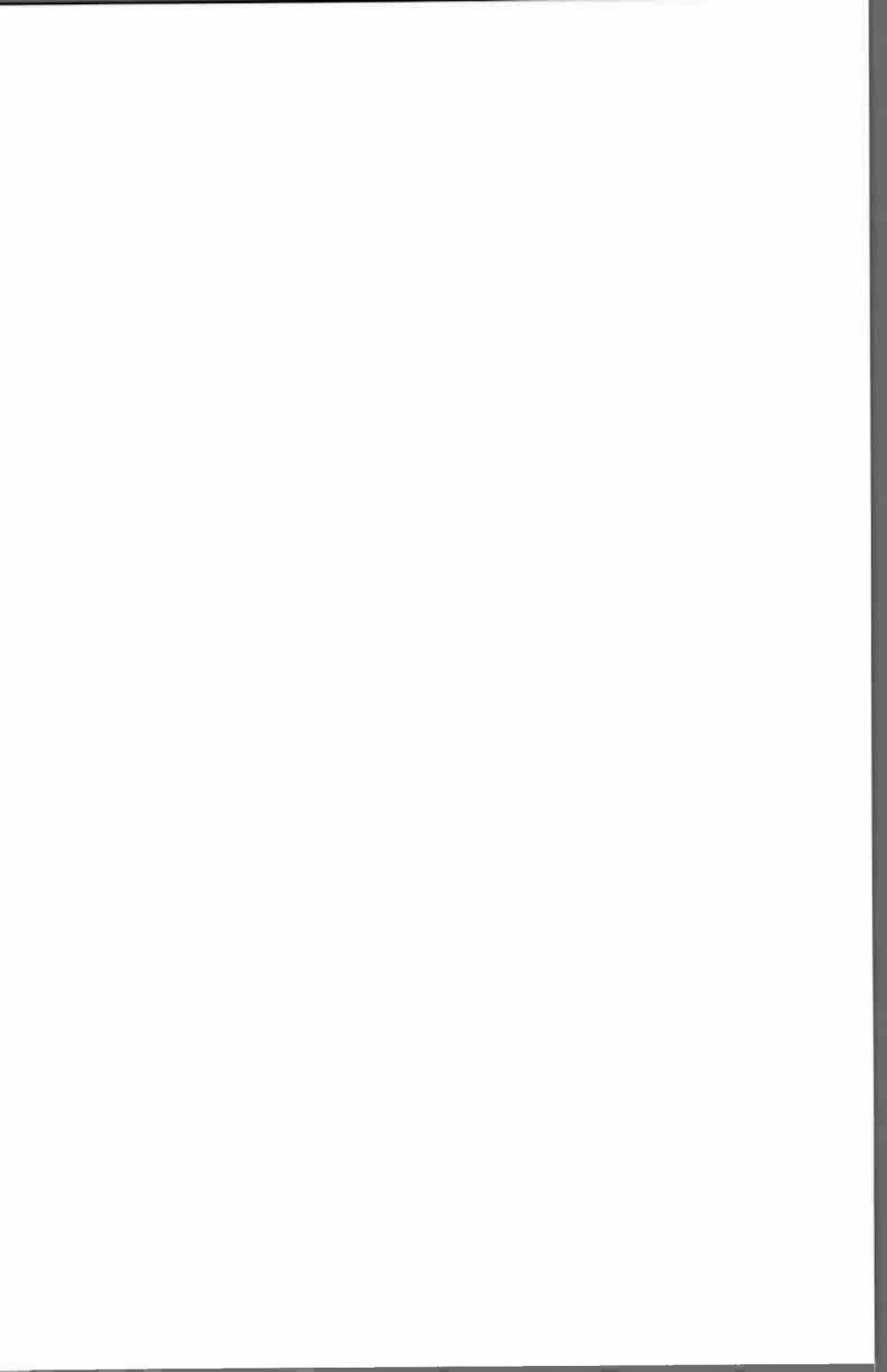
erte

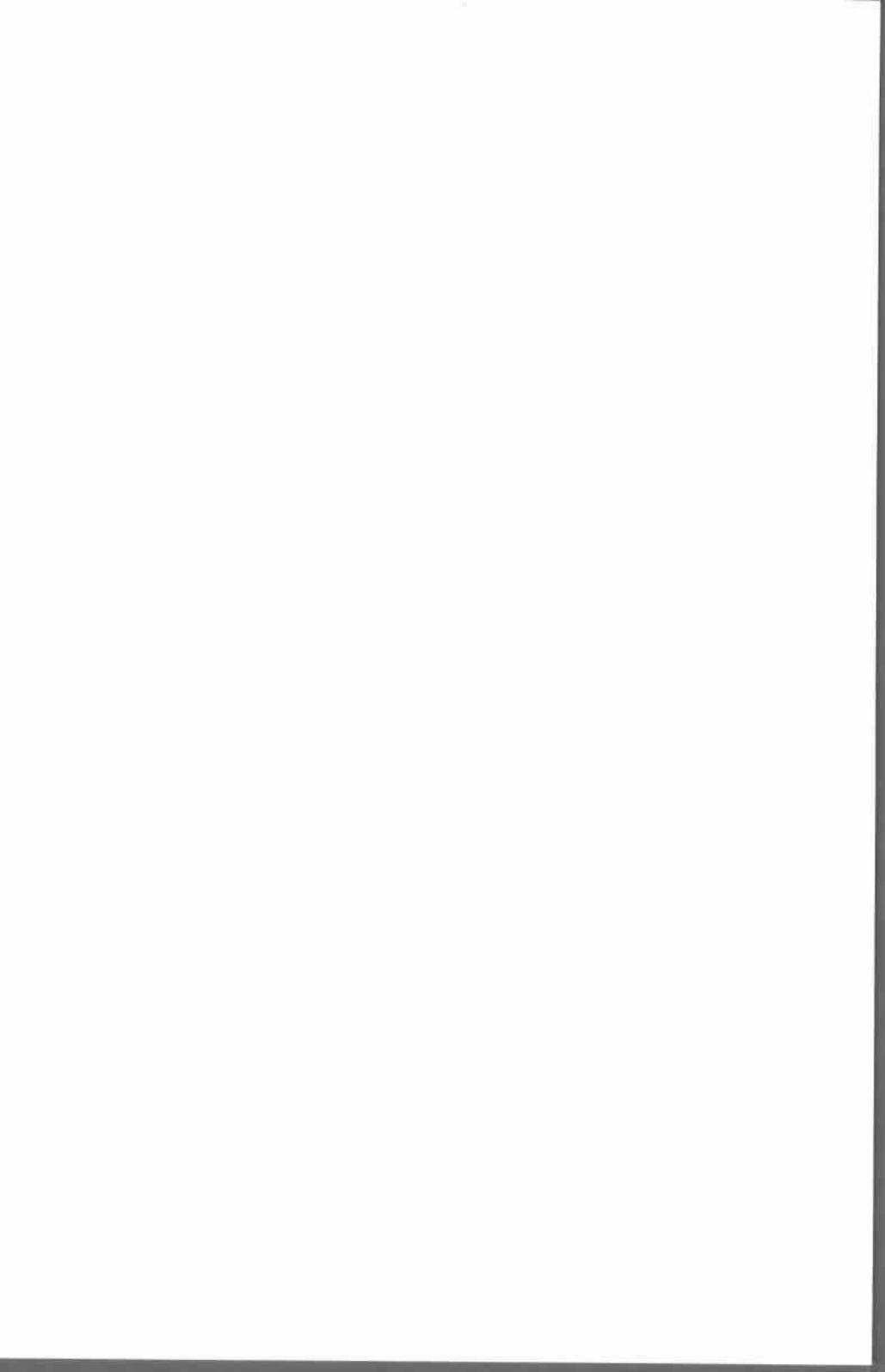
eu
en

ego l a l ia

n a d a

e d e n

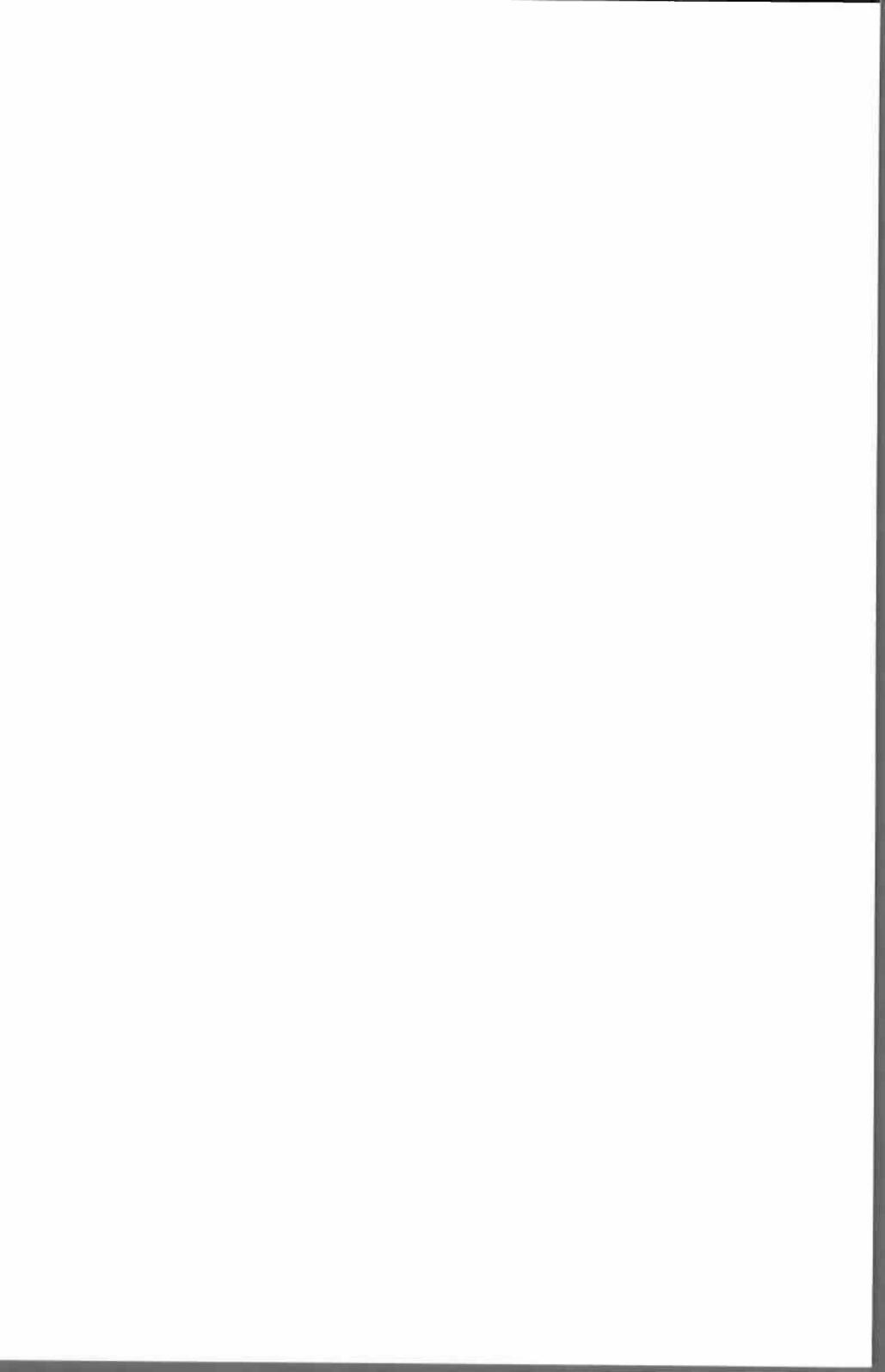




DIAS INSÓLITOS



Márcio Catunda



A POESIA COMO FORÇA TRANSFORMADORA

por Ricardo Alfaya*

Márcio Catunda, ao longo de sua vastíssima produção, tem demonstrado uma visão muito peculiar do que seja a poesia. E é essa singularidade que lhe permite realizar uma obra única na história das nossas letras.

Não há ninguém como ele. Houve quem o identificasse como descendente da linhagem de nossos melhores modernistas. É certo, há conexão, porém, o que Márcio cria é desconcertantemente diferente de tudo que se fez e que se vem fazendo na literatura brasileira. Não há como enquadrá-lo. Escapa a qualquer rótulo.

Seguindo-lhe a trajetória, desde as primeiras obras ao aplaudido *Escombros e Reconstruções* (prêmio de melhor livro do ano de 2012, em poesia, concedido pela Academia Carioca de Letras), descortinamos uma personalidade que se manteve fiel à sua própria trilha. Certamente, ao escrever *Na Trilha dos Eleitos*, um de seus títulos de ensaios, terá descoberto o que caracterizou esses autores desde sempre: a coragem de seguirem caminhos próprios, ainda que insólitos, ainda que completamente divergentes de tudo que seus contemporâneos faziam.

É surpreendente como Márcio se mantém distante de todo e qualquer modismo, fiel a seu *urbaníssimo engenho*. Resiste e persiste, mesmo diante das maiores adversidades, perante todo e qualquer escombros. E renasce, utilizando-se sempre da força renovadora da poesia – sua maior e melhor fonte de vida.

E, neste *Dias Insólitos*, mais do que em qualquer outro livro de sua autoria, isso se evidencia. A temática espiritualista ou espiritualizada, em Márcio, é recorrente. Porém, aqui, assume um tom intenso e até dramático – por vezes – como em nenhum dos anteriores.

O que Márcio declara, enfaticamente, o tempo todo, de diversos e fascinantes modos, diz respeito à urgência de transformar a percepção. Mas transformá-la por meio da poesia aliada à meditação ou, como eu próprio costumava dizer, fazendo da poesia um modo de meditação. E isso se torna bem claro em algumas passagens, como, justamente, no poema intitulado *Meditação Espiritual 1*, em que afirma: *Fujo da percepção comum*. Ou como diz neste outro, dedicado à ecologia: *Poesia, hábito marginal de transformar o cotidiano*.

Obviamente, o título *Dias Insólitos* admite várias leituras. Sem dúvida, nesta época estranha, sempre perigosamente belicista, vivemos tempos inauditos. Podemos considerar, como Heráclito, que cada dia e até mesmo que cada instante é absolutamente exclusivo. É um modo de ver isso também. Ou podemos entender a ideia do ponto de vista da percepção do autor: que ele, durante o processo de escrita do livro, viveu momentos insólitos. Mas... Haverá outra maneira de vivermos cada dia?

Esse me parece o ponto enriquecedor da questão. Na verdade esse fugir da percepção comum, da

qual nos fala o poeta, não se trata de mera fuga. Se trata, isso sim, de um deslocamento de foco, em busca da verdade de cada instante. E a poesia é o principal instrumento utilizado por Márcio para esse fim. A poesia permite o método. O olhar poético, capaz talvez de pelo menos tangenciar o impossível, conforme o expressa no belo poema dedicado a Tanussi Cardoso. Por sinal, exercitar o impossível, na busca de significados, é uma prática também muito cara ao próprio Tanussi.

Sim, porque *Dom Severo* (modo genial com que Márcio se referiu ao Deus do Antigo Testamento) não nos quis facilitar nem um pouquinho as coisas. Até mesmo a beleza, conforme nos mostra Catunda, termina também por ser uma forma de embriaguez. E a embriaguez tanto revela quanto confunde. É preciso buscar, mas a verdade, se existe, nos escapa. Ri, de bocha de nossos vãos esforços, a cada momento.

Não bastassem essas e muitas outras reflexões que esse especial *Dias Insólitos* desencadeia, o autor ainda brinda o leitor com a pontuação de 14 maravilhosos haicais e mais alguns poemas curtíssimos de fina tessitura. Em suma, um livro que merece ser lido e relido muitas vezes.

* Ricardo Alfaya é autor do livro *Álbum sem Família*, presente neste *Quadrigrafias*.

ELEGIAS DE INVERNO

Natureza,
tu que conheces o segredo,
concede-me o prazer
de respirar com os pássaros.
O aguaceiro molhou os bancos
e ando contrito comigo.
Que história registrará meus passos,
neste meio-dia da vida?
A conversa dos comensais
contrasta com minha falta de apetite.
Fico ensimesmado,
diante de uns olhos verdes
que parecem diamantes
e brilham como pétalas de flores.
Extravagâncias, agonias extáticas,
perambulações e vertigens.
Incontinências aleatórias.
Viver intensamente
exige alguma ebriedade.
Quero perpetuar essa flagrante plenitude
e nunca mais sentir aquele tédio desvanecido.

HAICAI 1

As janelas dos prédios,
a tarde azulada,
o encanto de estar só.

POEMA DE FEVEREIRO

Encantada paisagem,
o arco luminoso de Copacabana.
Conjuro a tarde que me ilumina.
É preciso desprezar a preocupação,
para deixar-se fluir no litoral.
Flutuarei com os olhos extáticos, imerso no *satori*.
Quando contemplo a avenida,
cheia de transeuntes,
sonho com o dia
em que todos esses convivas, num ritual pacífico,
desfrutarão deste nirvana,
da experiência búdica desta calma,
desse desprezo por tudo quanto é pragmático.

Quero permanecer em serenidade,
sem pensar no amanhã.
Estou de férias de todas as disciplinas.
Caminharei a pé, de Copacabana a Ipanema,
com meu alumbramento.
Com meu paganismo libertino,
na tarde quebrantada de rumores.
Canto idiosincrasias à flor do tempo.
A perplexidade me distingue de todas as pessoas.
A sensualidade me desnorteia.
Ando tão só,
na perspectiva do não fazer dinâmico!
Do exclusivo prazer de seguir adiante.
Vislumbro o mar divino na distância.
Vejo a vastidão da planície azul
e escuto o murmúrio misterioso das ondas.
Reverencio a indômita luz da tarde.

Assusto-me,
ao pensar que já se passaram três décadas.
Invento minha fantasia,
pra sentir a emoção de outrora.

Revivo aquela antiga paixão pela cidade.
Venero ainda aqueles símbolos
e alimento a ilusão antiga.
Os barcos pousados no azul.
O círculo de pedras e florações,
o movimento manso das águas.

Observar as ondas é o meu exercício metafísico.
Navego com o olhar na divagação expansiva.
Posso permanecer horas a fio
com os olhos postos no horizonte.
É como se eu recordasse
algum momento encantado.
Talvez seja a tarde, que declina,
lavada de brisa;
ou o simples prazer dessa vadiagem mística,
que sempre inspirou todos os poetas.
O certo é que tudo me conduz
a essa perspectiva incandescente.
Revivo agora a doçura nostálgica de outro tempo
tal uma aventura,
desfrutando a transitória liberdade.
Há muitas pessoas ao redor,
fazendo ruídos e movimentos.
Não são mais que fantasmas,
diante da vasta realidade absoluta.
Nada me deleita como essa visão translúcida.
Nada me fascina mais que a sedução do mar.

Quisera ser aquele menino
que atravessava a Avenida Atlântica,
na década de 70.
Ir à praia, com o mesmo entusiasmo de outrora.
Mas, ao menos, caminho descalço pela areia
e ainda cobiço os belos corpos femininos.
Recuso-me a ser este homem idoso que recorda
os passeios marítimos de sua juventude.
Em que esquina perdi
os idílios e a inspiração romântica?
Fui, desde a infância,
um menino só, triste e pensativo.
Mas, ao menos, hoje a maré está mansa,
e vejo, como antes,
a expansão e o frêmito das águas.
Ao menos, respiro o ar benevolente da manhã
e desfruto ainda
do que há de mais exuberante na vida.

Não me canso de pronunciar sentenças dissolutas
com poetas ébrios e musas devassas.
Todas as noites,
demandando a companhia dos libertinos.
Só assim, exerço o meu ofício oracular.
O altar da poesia exige de mim
uma religião profana.
Esse comprometimento com a liberdade,
meu porto sem aduana,
com postulados sem dogmas,
sem protocolos de silêncio,
nem toque de recolher.
Minha inquietude espiritual, compartilhada

nos bares e nas calçadas.
Nossa missão, poetas:
o registro da experiência existencial urbana.
Seremos os porta-vozes das vicissitudes e
esplendores da cidade.
Transformarmos o cotidiano em palavra.
Buscamos a fórmula de tornar em êxtase
a angústia de cada dia.
Ser poeta é um modo
de não pensar que o momento é efêmero
e buscar sempre ter, no pensamento,
afetuosas imagens.

Preciso voltar a ser
o menino que cantava *Insensatez*
e tinha paciência para com tudo.
Mas o tempo passa,
e me veio essa onda estranha.
Contudo, sob o fulgor magnânimo do Sol,
vou à praia com um livro,
como naqueles dias venturosos.
Hei de apascentar de novo essa sede insaciável
e me orientar depois dessas abstrações.
Mas, ao menos respiro alegremente
e afirmo que vale a pena viver.

Melodia que me recorda o passado,
vertiginosa imersão: dá-me o lenitivo,
alivia-me a dor do tédio!
Vejo a pólvora do tempo queimando.
E vejo o espaço azul, no cristal da tarde.
Quisera viver sempre esse vazio,
sem preocupar-me com coisa alguma,
com a percepção imersa na quietude.

Molho os pés na espuma.
Medito dentro do nada, no qual flutua o Planeta.
Transito em transe, inebriado de visões.

Rio, fevereiro de 2012.

O VIAJANTE LI PO

Reclinou-se no leito da natureza
e inaugurou em si o mundo imperecível.
À sombra noturna,
as flores riram de sua solidão.
A Lua o acompanhava,
clareando a relva de fios de seda esmeralda.
Caminhando ao vento,
contemplou as flores,
até perceber o encanto inusitado.
No caminho à ermida do asceta Ju Si,
a erva ondulava
e as tulipas deixavam cair pétalas.
Só de ver os nenúfares,
esqueceu toda tristeza.
Buscava o elixir dos taoistas
para dialogar com o vento
e perpetuar o êxtase.

EPIFANIAS

As nuvens passam:
música perdida,
em meio ao nada,
em que as coisas existem.
Graças ao Sol estamos vivos.
As distâncias fogem do olhar
daquele que se inebria dos seus reflexos.
Pulsção de vida que não pergunta
nem duvida.
Deixa fluir o pensamento.
O todo gira no caos,
em matizes de dimensão metafísica.
Silêncios povoados, na tarde fremente.
As flores afirmam seus trânsitos circulares.
A doçura branca das pétalas
vibra em uníssono
com a utopia cristalina das estrelas.

RECORDAÇÃO

Ainda ontem, estive no jardim flutuante.
No labirinto encantado de veredas hídricas.
Diante da evasiva flutuação,
alimentado de substância aérea:
o elixir messiânico da lua.
Estrada de lenitivo,
plena de vórtices indômitos.
Visão olfativa de um manancial
onde bebi ócio nos quintais aquáticos!

VOTOS FRATERNOS A RICARDO ALFAYA

Tomara que subas a ladeira da Glória,
coroado de louras.
Tomara que as frutas
alimentem o pássaro que és,
herbívoro bem-te-vi,
mais valente que gavião, caçador de lebres.
És um ser alado, por ventura dos pensamentos.
Tomara que repouses no Parnaso,
sob os auspícios de musas eróticas,
daquelas que não cobiçam o ouro de Midas.
Tomara que Afrodite te conduza
à praia das nereidas,
onde há néctares infinitos
e elixires de longevidade,
que abrem as percepções, com prazeres eternos.
Assim, sentirás a vida mais profana ainda,
sem jamais perderes a ética do sonho.
Tomara que o teu mosteiro
seja invadido pelas bacantes,
uma das quais elegerás a predileta do harém.
As mulheres são líricas,
e é preciso dizer-lhes galanteios em poesia.
Tomara que as mais belas,
que são as mais atrevidas,
comportem-se lascivamente,
e que a beleza (e não a angústia)
inspire a música dos teus epigramas.
(E que as graças divinas
povoem o templo de tuas libações!)

APESAR DE TUDO

Deixar-se pleno de embriaguez mística.
Minha fé é uma peregrinação penitente.
Não há mais ordem no mundo, senão delírio.
Evoé, meu trabalho é não fazer.
Já tudo está perfeito.
Nuvens cínicas, rumores repugnantes:
o divino caos.
Ah, o esmeril do tempo,
com sua navalha invisível.

O que restou de tudo
foi esse tumulto, entre paredes inóspitas;
e essa tristeza de ruínas nas encruzilhadas.
Restou o veneno,
de algum resquício da inocência.
Que a vida não merece o travo na garganta,
nem a vertigem cristalina das lágrimas.
O que passou é o que foi conspurcado
pela atroz voragem.
O ácido violento da dissolução.

A precocidade do homem-fera,
no menino que te mostra a faca,
no sinal de trânsito.
Exige o celular e a carteira,
que eu tenho como dádivas,
e que ele cobiça como vingança.
As ruas perigosas e a paranoia da burguesia,
que teima em não fundar escolas.
No Brasil de hoje, somos reféns da agressividade
dos que não conhecem o valor da poesia
e da sua mensagem de fraternidade.

Meu olhar pergunta pelos quintais de outrora.
Revisito Fortaleza, uma cidade neurótica,
que nada tem a ver
com aquela da minha infância.
Eu subia na caixa-d'água
e avistava a paisagem idílica.
O tempo, qual verdugo,
martirizou-me todos esses anos.
Mas é preciso confiar na claridade do dia
e deixar-se longamente observando o céu
com intimidade plena;
ver o brilho das folhas que o vento embala,
sem pressa de fazer qualquer outra coisa.
Fortaleza, a cinza dos minutos multiplicou-se,
dizimando as flores.
Mas eu ainda te contemplo, apesar de tudo.

MEDITAÇÃO ESPIRITUAL 1

Fujo da percepção comum,
qual perseguição que eu mesmo me imponho.
Deleito-me, caminhando entre as árvores
e escrevendo,
num desespero frenético de redenção.
O lar que me enche de nostalgia
é o luar, à sombra de um manto tenebroso.

HAICAI 2

Noite de suave frescor.
Longe das avenidas,
a Lua, fulgente, no espaço.

VEREDAS MARGINAIS

Caiu sobre mim o estigma dos poetas malditos.
Mas tudo não passa de paranoia.
Caminho por veredas marginais.
Não desisto de ser, eu mesmo,
o rei da minha própria ética.

Medito sobre minha condição,
diante do Incriado.
Minha contrição,
diante de sua permanente vigilância.
O que existiu desde sempre
inventou o medo e a consciência.
A Ele peço guarida para aprender
as mutações da permanência impermanente.
Entender o presente infinito que se reparte,
recompor os fragmentos da realidade em mim.
Quanto me custa desvendar o enigma do tempo!
Estou feliz neste dia da minha conversão.
Estou disposto à renúncia e à paciência.
Hei de vencer, pela força dos meus nervos.

O caminho das duas veredas
me está desnortando?
Ou eu mesmo é que me desencaminho,
nessa dualidade incômoda?
Hei de unificar o pensamento
e concentrá-lo na razão.
Hei de devotar-me a afirmar
a supremacia de um Ser Superior.
Quando estou perdido, é quando me encontro.

Madri, janeiro de 2012.

ORAÇÃO AO HERÓI DO LABIRINTO

Desde a tua partida de Atenas,
com a missão de libertar os teus irmãos
do martírio infame,
oscilaste no pêndulo dos destroços
e venceste o medo.
Sentias, certamente, alguma expectativa;
mas os deuses a dissiparam:
inspiraram-te a fé que vem do Alto.
O Olimpo te favoreceu,
entregando-te aos favores de uma mulher fiel.
Ariadne concedeu-te afortunado dom de Amor.
O teu predestinado gesto avisa-me
que eu só tenho a esperança por ousadia.
Encoraja-me a enfrentar os desafios!
Tua justiça de herói é permanente perigo.
Mas conhecias o teu poder,
quando te lançaste ao sacrifício.
Sabias que era teu destino
exterminar a horripilante aberração.
O teu sacrifício redentor ensina:
não há monstro mais perigoso que a imprudência.
Mas eu, que sou tímido e dispersivo,
cotejo minha debilidade com tua fortaleza
e vejo que só tenho o sonho
como consolo e angústia!
Ó príncipe magnânimo,
norteia este discípulo infiel,
que duvida e peca,
no labirinto de si mesmo!

TENTATIVA DE ENTENDER ANTONIN ARTAUD

Criar a sorte, à força de perder a vida.
Enumerar fúrias,
sob o peso do pensamento
e da música que gira: fósforo secreto,
na espiral instantânea.
Fluir na cidade ardente,
neutralizando a angústia,
mediante o conhecimento imediato de si.
Esse foi o resgate e o desperdício
que te embriagou de cosmogonias
e te induziu ao extremo estado de comoção.
Desde então, apaixonado pela vida e pela morte,
consolava-te a ideia de ser um corpo sem órgãos,
livre das trevas absolutas;
a medula desfrutando de raptos furtivos.
Tal foi o preço dos instantes de deslizamento,
em que percebeste o sem sentido das palavras.
Daí te perdeste, na miragem de um cais,
inacessível aos tormentos.
Depois de 58 eletrochoques, em Rodez,
acusaste sempre os teus detratores.
Com láudano, em vão,
anestesiavas as feridas
e as instilações dos demônios.
Lutaste contra Deus e contra a psiquiatria.
Falavas de um mal anterior a ti mesmo
e ansiavas pelo delírio febril,
como revés das absurdas esperanças.

BENDIÇÕES

Bendito seja o Sol,
clarão que se expande por todo o espaço do dia,
e, à noite, abre frestas
na camada de mistério que envolve tudo.

Bendito seja o homem que venera a Lua,
feminina e generosa.

Bendito seja o poeta que, indiferente à angústia,
tenta entender a realidade para além da fé.

Bendito seja o estado mental em que sou capaz
de observar as cores.

Caminho, contemplativo, entre as árvores.

Olho o Sol

e reconheço a claridade do Deus Único.

Tinham razão o Faraó Akhenaton,

que já falava do milagre da Luz,

e Zaratustra, que ensinava a respeito

das correntes opostas da natureza.

Também, Krishna, Buda e Lao Tsé,

que exemplificaram o desapego.

Igualmente, Jesus, esse portento,

que me trouxe o respeito pelo semelhante.

Bendito seja o mundo,

pela visita dos sábios visionários.

O tempo é de venerações.

O céu irradia o esmalte das cores

na tarde de trégua dominical.

Bendita seja a vida, pela luz da primavera!

CELEBRAÇÃO DO TEMPO

Celebro o vespertino alento.
Inebrio-me de fulgores de êxtase.
Vejo pássaros, nas ramas que voltam a florescer.
Bebo rumores,
com os olhos impregnados de verde.
Serei um dia o magnetismo invisível
na solidão da vida eterna.
Mas, agora, percebo o tempo e sinto inquietude.
Em andanças extravagantes, pergunto:
Por que se nasce?
E o que é feito do que desperta,
a imaginar um Deus
e a buscar alguma certeza permanente?
Regresso ao parque
com meus medos idiossincráticos,
com minha ânsia de consagração,
meu hábito de refletir sobre o ser e o não ser.
Regresso, com meu ideal de desfrutar da vida
e de ver na Terra um *habitat* divino,
Em que pesem a transitoriedade,
a infâmia, o fratricídio, a dúvida
e todos os delitos da incompreensão.
Quando soar o momento do meu Repouso,
dormirei e sonharei,
até voltar ao mundo,
novamente criança.
Reaprenderei tudo
e serei, outra vez, poeta.

Madri, março de 2012.

RÉQUIEM

Dou ao diabo as admoestações do tirano,
que negam a palavra viva.
O polícia do mundo, o mais torto, o torcionário
não passeia no horto da infância,
onde está a árvore da vida.
Não sente o perfume da saudade.
Não vê os pássaros de cristal das constelações.
Não decifra a mandala dos deuses tutelares,
nem dormita à luz do mistério,
diante da Arca flutuante no abismo.
Tenho pena do palhaço
que nunca riu de si próprio.
O Comendador da Desolação
nunca delirou com os violinos do esplendor.
Jamais cantou a liturgia da intempérie,
no chão molhado do aguaceiro,
dos dias de tabernas com flores.
Dou ao diabo a fábrica de medos do ditador,
sua pompa fúnebre,
sua máscara de morcego infeliz,
o grotesco de suas ameaças desveladas.
O carrasco dos humildes
é lastimavelmente ridículo.
Jamais subiu nem desceu pela escada da torre,
onde mora o cachorro amarelo de Mefistófeles.
Nem nunca se deixou levar
para além do curral da insídia.
Tampouco se pôs a imaginar
a névoa dos pórticos sem fronteira.

A OUTRA NOITE

O dia inteiro fui um Sísifo da burocracia.
Cantarei como um pássaro devoto da Natureza.
Cintilam estrelas no jardim da minha solidão,
depois do poente chuvoso de estranha saudade.
Caminharei com unhas grandes de boêmio
e com olhar lunático.
Cumprirei o meu destino de poeta.
Buscarei algum recanto, em silêncio, ao ar livre;
seja na fogueira do dia
— de ilusão e desencanto —,
seja na noite implacável da inquietação lírica.
Que psiquiatria diagnosticará
esses meus desvelos?
Caminharei com perplexidade
e desfrutarei da vida, até a última gota de néctar.
Nada me afastará do meu desígnio.
Não deixo que me importunem
as imposturas dos tiranos.
Cantarei a liberdade e a beleza.
E quando vier a Outra Noite,
só peço que seja suavemente,
tal o crepúsculo de hoje.

HAICAI 3

O vento brinca,
cantando na folhagem.
As árvores murmuram.

INCANTESIMO

Veneza flui nos barcos, à flor da correnteza,
esmaltada de gloriosos emblemas.
Desde a primeira flutuação,
nestas passarelas aquáticas,
recordei que sonhara com os frescores irisados,
palácios cromáticos e pontes;
tal um arco-íris de alegorias.
Antes de nascer, eu já me sonhava
habitante destas casas de alicerces,
imersos na diluição cintilante.
Vem de remoto essa visão
de apoteóticos esplendores.
Deambulo, desde outrora,
por estas fachadas de douradas estampas,
que me inspiram arrebatamentos místicos.
Fui, talvez, aquele sarraceno
que o apóstolo salvou, na arte de Tintoretto.
Refugio-me no Giardini Ex Reali,
à margem de uma vereda de água verde.
Saio a caminhar e, diante de mim,
esplende San Giorgio Maggiore,
com sua torre heráldica.
À direita, La Salute: concha de mármore indelével.
A delicadeza de Vivaldi aprecia-se nos umbrais.
Atravesso o campo de Santa Maria Formosa.
Tomo a lancha e já me encontro
em Fondamenta delle Zettere,
Veneza ornamentada de filigranas.
Sob a cúpula gris de Sant'Eufemia,
eleva-se a Lua rósea.

Veneza, 07 de abril de 2012.

MORFEU

Misterioso Morfeu,
que anda de costas para o dia,
são meu consolo as veludosas mãos
com que me cobres as pálpebras.
Inimigo da pressa, atuas difuso
e permeias os sentidos
de pasmo coloidal.
A consciência obedece
aos teus desígnios niilistas,
submete-se à sutileza que insinuas.
Antirretórico, adverso à estridência,
imperador da subjetividade.
Cortejo-te com bocejos benevolentes.
Conhecedor do segredo do vazio,
caótico borrador de imagens:
que silêncio sem matéria
e que memória volátil
constituem o teu presente ausente?
Dize-me se existiram as tardes
em que os pássaros foram eternos?
Que dia em mim pretende permanecer,
sem sombra nem música?
E em que recanto
imergirei contigo, em longa viagem?
Imagino-te espelho sem reflexo,
prospectivo-intencional.
No pântano dos olhos entornados,
inspira-me indiferença às percepções de ânsia
e a todas as sensações
que não sejam de absoluta calma.
Inspira-me paz, diante da loucura
dos pretensiosos e arrogantes.

Faz-me caminhar trôpego de êxtase.
Dá-me delicados sonhos sempre,
até que venha a saída definitiva para o nada!

CHUVA

Nostalgia da chuva na tarde
que declina entre sombras.
Melodia triste na solidão que sonha.
Chove serenamente,
não obstante os rumores da cidade.
Sento-me, ao abrigo da intempérie.
Vejo as poças de água,
espelhando resquícios de claridade.
A chuva desce como um sacramento úmido,
lavando a terra e limpando o ar.
Respiremos.
A chuva é um bálsamo frio,
que me faz lamentar a brevidade do dia
e me consola com a arte de contemplar.
A única maneira de estar no centro
é deixar tudo fluir.
Observo, sentado à porta de um prédio,
o movimento das rodas:
no centro está o ponto de equilíbrio.
A espiral do tempo parece imóvel.

HAICAI 4

Arde o crepúsculo:
fogueira nebulosa,
fluidos etéreos.

EPIGRAMAS

Flores como delicados ornamentos das folhas.
Inflorescências que se abrem para receber a luz,
fluida claridade aérea
que aviva o espírito.
A harmonia clorofilada das copas verdes
ostenta a exuberância da estação dos primores.
A vida mesma se encanta,
e é preciso desfrutar do privilégio ecológico.
É preciso estontear-se, pasmado de devoção,
celebrando a festa de cores da natureza.

Tarde peregrina.
Sede de luz,
disfarçada de inquietude.
Terra, árvores, gente,
tudo me acende essa verve de vida.
O dia tarda.
Sou digno de celebrar os poetas.
Desfruto deste recanto,
ouvindo os pássaros.
Os mundanos não percebem a vertente do tempo.
Prefiro andar só.

Até quando pisarei a calçada da minha rua?
A noite, com seu mistério de sombras
e seu encanto lúdico,
convida-me a celebrar a vida.
Busco a verdade hialina
para além do fenômeno biológico.

POEMAS ECOLÓGICOS

I

Bebo serenamente a aragem do bosque.
Hirsutos flocos pulsam,
na mansa vibração clarividente.
Células virentes,
no esmalte translúcido da folhagem.
A nervura cintilante
filtra os perfumes telúricos.
As pequenas flores são prodígios estelares,
na relva e na eclosão da ramagem.
Delicados braços florescem,
acolhendo as aves voláteis.
O céu multiplica a perplexidade nebulosa.
A energia aérea, plasmada em fulgores,
recende na resina sensual.
O vento gracioso alisa as folhas e acende a tarde.
O Sol derrama o ácido verde do tempo,
clareando a vida em toda parte.
Adentro a espessura do vergel.
Estou na companhia dos gorjeios encantados.
Cachos de luz emergem de finos galhos
que se dobram como em oferenda.

II

Nem só de pão vive o homem,
recito aos animais.
Pareço o *hippie* de Assis,
conversando com a natureza.
Poesia, hábito marginal
de transformar o cotidiano.

Arte de beber uma obsessão diletta.
Um gosto estranho de solidão.
Os jardins pedem a doçura de um enlevo.
Um momento de alienação do que é supérfluo,
a brisa envolvendo
as verdes encantações.
Caminhar pelo Parque do Retiro,
tocado de eternidade,
ou imaginando uma dádiva suprema.
O apogeu da vida
e o ápice da clarividência.
Vertiginosa tarde de alegria!

MEDITAÇÃO ESPIRITUAL 2

Meu objetivo é converter-me num *sanyasi*,
num *brahmachari*, num verdadeiro *bhakta*,
regozijado num *samadhi* inquebrantável,
de firmeza e serenidade.
Até compreender a consciência do Ser Eterno,
e ser o *Purusha* silencioso,
agindo sem apego e sem medo,
a serviço do *Bhagavan*,
em união subjetiva com o Senhor dos Seres,
o Equilíbrio Luminoso da Natureza.

HAICAI 5

A luz brilha:
fúlgido candelabro.
Noite encantada.

O SOL DA RUA DE BAGNOLET

O sol da rua de Bagnolet tem voluptuosa carícia.
Banha-me os ombros, com ternuras de enlevo.
É diferente dos outros;
bem o sentiu Robert Desnos,
cantando-o em visões de evasão.
A rua de Bagnolet
deu-lhe o alívio das florações fosforescentes
e o sorriso das musas,
feito rosas que o vento beija.
O sol da rua de Bagnolet
convida-nos a visitar os jardins
e faz de Paris uma lâmpada amorosa.
Um deleite na pele, no cérebro e na respiração.
Sol vertiginoso, de sombra benevolente,
com pássaros canoros.
Generoso, qual vinho de luz;
acolhedor, como os auspícios da ventura.

Paris, 26.05.2012.

HAICAI 6

Vertigem mística,
na tarde de outono.
Folhas crestadas.

ORFEU DA PERDIÇÃO

a Amália Bautista

Ó tu que imergiste no reino das sombras,
em nome de uma utopia de amor!

Rei do lirismo!

Insensato, apaixonado e arrebatado,
eu imito, nestes hortos,
o teu gesto extravagante.

Por Eurídice, a musa,
mergulhaste no teu próprio inferno,
em busca de um estado mental
em que não temerias
nem a vida nem a morte.

Vida, bolha de arco-íris!

Morte, mistério temido!

Guardo em mim

a tua realidade dissonante.

Tua ousadia, em nome

da destruição da destruição:

uma espécie de sensação beatífica,
de longínquas ressonâncias.

Uma evasão de bem-aventuranças.

Nesses portões nebulosos,
onde também entrou Perséfone,
bebeste a melancolia de sonhar.

No mesmo jardim tenebroso,
imagino a glória transcendental.

Eis a minha paixão vespertina,
meu delírio amoroso.

Orfeu da perdição:

deus dos angustiados,

inventor da embriaguez mística,

antes mesmo que Dionísio
viesses a sorver o néctar do vinho!
Alimenta-me da esperança do teu sonho,
para que eu me encontre em equilíbrio
e vença qualquer momento de aflição.
Dá-me o dom de observar serenamente
os minutos que passam.

VAGABUNDAGEM LÍRICA

A vagabundagem lírica
é virtude invejada pelos figurões.
O vagabundo lírico
inventa o ofício de sentir a beleza.
Ensimesmado nas horas de fulgor,
adormece no afã do frêmito.
Inebriado de experiências metafísicas,
vê o fluido hialino
que tremula nos lânguidos filamentos.
O afortunado fugitivo
percebe a mirífica perspectiva das ilações.
Conjuga o verbo imaginário,
buscando a essência luminosa dos morfemas.
Acostuma-se à intempérie,
sorvendo a mansuetude do veneno.
A vagabundagem lírica
é invejada pelos colecionadores de medalhas
e pelos que se ocupam em vigiar e punir.
O vagabundo lírico flutua em doce vertigem,
tal os pássaros ébrios de calidez.
Foge dos cérebros caóticos.
Sente o generoso dom que o vento acende
e passeia entre pétalas místicas,
apesar da incerteza dos dias.

DESPERTAR

Alta maré,
no sonho da onda.
Desperto, sobressaltado.

IMAGENS DO MAR DE SAINT-JOHN PERSE

Festa nas fronteiras dos confins, alívio de noturno itinerário. Puro instante, o grande pássaro azul nos recorda assuntos distantes; guia-nos no prazer dos caminhos frementes. As bocas do desejo, nos limites da noite. Nos vastos espaços, o navegante vê os arcanos e as fábulas imortais. Um pródigo (de lábios ressecados) exige abluções, nas pálpebras da tarde marinha. Ventos em calma, sonhos estremecidos, pedras erigidas ao silêncio: o grande pássaro, cuja sombra viaja na fortuna, verte rosas de espuma viva, cujo espasmo conduz ao fogo verde das vinhas da fantasia e nos outorga um gládio de júbilo. A púrpura das lavandas lava a cinza dos signos, a celeridade do dia anuncia fontes. Lendário mar a que nos destinamos, imersão na plenitude transitória. Chuva do porvir, evasão que derrama lágrimas abissais, hidra de força e doçura, além das vivas pedras onde nos fixaremos, naquele mais vasto e mais próximo mar; espelho das espadas dos astros, verdade que não nos ensinam nem nomeamos. A curva do voo e o espectro da órbita planetária, na extensão peregrina. Pássaro que leva o nosso sonho no espaço.

REVELAÇÕES

I

Lua auspiciosa anoitece.
As árvores ainda estão claras.
O céu admira a si mesmo,
no espelho da água.

II

Contemplo o abismo azul
e me deixo conduzir
pelo enigma vaporoso.

III

Resta acreditar no voo da luz,
ainda que os sobressaltos prevaleçam,
e não haja mais
que um vórtice de sombras,
escorrendo na espiral do dia.

POEMA ZEN

Quem canta longe, dentro da impermanência?
As folhas verdes crepitam no verão.
Nunca mais este instante se repetirá.
Até o céu será outro, no espelho da água.

DOM SEVERO

Dom Severo só me mostra uma nuance
da coisa desejada.
E não me deixa mais opção,
que um tédio de monarca destronado.
Uma espécie de mágoa do destino,
que tento remediar, com rebeldia redentora.
Dom Severo me entrega apenas
essa contraditória luta pelo direito ao delírio.
Esse medo, como esperança desesperada.
O seu olhar, impassível no nadir,
é um colosso que perfura o azul
e entra na consciência da gente.
Dom Severo me conduz a um recanto,
à sombra do mormaço,
onde a poesia é um repouso efêmero.
Dom Severo fez um jardim para o homem habitar,
e, ao vê-lo triste, inventou a mulher e o alcaloide.
O autor de tudo,
em cujo templo os poetas exercem sacerdócio,
criou manhãs disciplinares e tardes lúdicas.
Estabeleceu a liberdade e a justiça com amor,
como a beatitude de andar sorrindo, sem motivo,
e a maravilha de peregrinar,
vertiginosamente,
pela cidade.

HAICAI 7

A árvore do amor
espera a primavera,
para ter flores brancas e róseas.

DONA ZENILDA

Na arejada tarde, de suave luz,
onde estará Dona Zenilda,
que parece tão perto de mim,
e, no entanto, abandonou o corpo,
em hora imprevista?

A vida e a morte estão na natureza de tudo.
Só me resta imaginar um lugar luminoso,
em que ela esteja levitando,
no silêncio da imensidão azul.
Drummond tinha razão, quando disse que,
fosse ele rei do mundo,
não permitiria que as mães fossem embora.

Aquela ternura sempre ansiosa
pelo bem do seu filho pródigo.
Aquele sorriso de festa ao ar livre,
e a preocupação permanente
com o rapaz insensato,
que vive em outros países;
nômade, sonhador e medroso.

Fugitivo da realidade!

Medito sobre o mistério.

Lá fora, vejo o esplendor abissal do dia.

Fito a luz do Sol,

na expectativa de ver o rosto de minha mãe.

Quando as estrelas brilharem,
sei que ela estará naquelas imediações.

REALIDADE

a Tanussi Cardoso

Fujo de tudo o que não seja o meu sonho.
Demando o mundo aleatório
das palavras indelévels.
Evoco realidades imprevistas
e tento entender o incompreensível.
Fujo da realidade
que não venha da fonte inesgotável.
Busco uma cidade
que existiu como sombra da infância.
Vivo noutra tempo,
que um perfume de jasmim ressuscita.
Ah, aquele silêncio antigo, bandeira fluida,
coisa que não está entre o visível!
Ouro alquímico, permanente êxtase!
Refugio-me na miragem
de quanto ouço e vejo,
vivo para além dos lugares de agora.
Tento compreender
a substância hilariante do vento.
Minha ilusão é serena expectativa.
As estrelas me falam da perfeição perene.
Ando alheio a tudo.
Só me interessa pelo meu encantado amor.
Música estranha,
desconsolo que entardece,
e vem de recôndita dimensão.

OGITÂNJALI DE RABINDRANATH TAGORE

Bêbado da alegria de cantar,
o viajante eterno
busca os matizes do amanhecer.
Sedento de distância,
vela, em vigilante adoração.
Floresce o cânhamo, e breve é o prazer.
É preciso preenchê-lo de melodias.
Murmurar cânticos,
com o regozijo de ser um perdido
que se reencontra na manhã da oferenda.
O poeta tem por lâmpada a Via Láctea.
O insensato há de deixar os fardos,
nas mãos de quem ofereça
dádivas de amor sagrado.
Há de saber que a morte
nos outorga o infinito.
No oceano da carícia perdida,
entender o silêncio e a transparente pureza.
Depositar a harpa da vida,
na serenidade da verdadeira renúncia.
E, depois, reafirmar tudo,
com fé e perplexidade.

HAICAI 8

Noite de solidão,
claro céu de setembro.
O silêncio das estrelas.

PELAS CALÇADAS DA DÚVIDA

*Que nos importam os mistérios?
Apenas nos deixemos arranhar por eles,
e sigamos com nossas dignas cicatrizes,
para ao fim dizer: Não fui indiferente.*
(Elaine Pauvolid)

Que sabemos da pólvora translúcida
que o tempo acende?
Que sabemos da conexão
entre justiça e natureza?
Sei apenas do prazer de viver em vão.
Vejo que a natureza tudo faz, sem nada fazer.
E tudo dissolve, com mãos imaginárias.
Porque haveria eu
de preocupar-me com coisa alguma?
Porém, não estou feliz com a fortuna cotidiana.
Justiça e Natureza são faces de um equilíbrio.
Mas um tédio lúdico me espanta de inquietação.
De súbito, desnorteio-me,
na calma veloz do pensamento,
cujo fim creio ser a onipresença.
Por que sinto, e não sinto, rancor
contra todo engano?
E, no entanto, a febre dos sentidos alardeia.
Quero, num só golpe de abstração,
fixar a plenitude e amar em mim um ser futuro.
Ou, pelo menos, pintar, com flores e folhas,
os matizes da hora.
Pelo menos, dormir em paz e acordar,
pensando em novas aventuras.
Mas nada disso é permanente.
E oscilo, circulando pelas calçadas da dúvida.

RUBAIYAT

A este que acredita ter um nome
e se estonteia na fantasia da hora.
Que crê iluminar o universo,
no minuto em que escreve.
Que canta de desespero, como as cigarras.
Que sonda, em vão, o mistério
e se deleita no torpor crepuscular,
sonhando com a hora de viver à toa,
sem que os demônios o assediem.
A este que decide
abandonar toda perspectiva de futuro
e logo imerge dentro de um sonho.
A este que, por fim, se reconhece
uma máscara de angústia,
chamada ego...
Não lhe desejo mais
que a certeza de que nada importa,
de que não vale a pena empenhar-se
para que nada fique por dizer.
Perante tanto desconsolo,
só lhe resta beber algum vinho voluptuoso
e recordar um perfume fêmeo,
nas suaves cores da aragem.

HAICAI 9

Noite de sexta-feira.
As pessoas andam apressadas,
rumo à sombra do não lugar.

PEREGRINAÇÃO À SEPULTURA DE POUND

(Acompanhado de Jarbas Júnior, vassalo da poesia.)

Às horas, duas, do *pomeriggio*,
saímos em peregrinação.
Ezra Pound esteve comigo no embarcadouro.
Sentei-me nos degraus da Dogana.
Passamos pela Fondamenta Ca' Bala.
Vi a porta anunciada, na *calle* Querini.
A laguna borbulha o seu voejar cinético.
Contemplo os matizes de enlevo,
da Isola della Giudecca.
Nos bálsamos fluidos da tarde,
Veneza é toda Ezra Pound.
A luzerna mágica no azul diáfano,
toldado de filamentos nebulosos.
Os torvelinhos instantâneos da água,
na fervura volitiva.
Cruzamos o delírio ecológico
de um jardim marítimo.
Rosas nectáreas, em pensamento,
depositaremos na luminosa sepultura.
Vênus rege os esplendores de cúpulas e torres.
Os barcos, hedonicamente,
sob a pluma cristalina do céu,
trilharão espessuras líquidas.
A festa apolínea dos sinos nos estonteará.
Não há mais o que desejar,
quando se está em Veneza.
Veneza é um lugar em si.
Chegamos às pedras brancas,
da Ilha dos Ciprestes Escuros.
No jazigo discreto,

canteiro emblemático de florações,
deposito um jasmim sobre a lápide
que lhe registra o nome.

O tempo é imenso; e o homem, alguns eflúvios.
Os vivos deambulam, ébrios de outro álcool.
Prestamos reverências
ao ínclito hierofante da poesia.

Veneza, 28.07.2012.

DUALIDADE HUMANA

No tempo dos primeiros povoadores do Planeta,
o homem que escavava o chão
atentou contra o que passeava com as ovelhas.
Desde então, o homem pragmático
sente inveja do homem contemplativo.
E, desde aqueles tempos,
o segundo anestesia os sentidos
para suportar os ofícios que o primeiro inventa.
Desde então, o homem contemplativo
é forçado a sacrificar a sua vontade
e servir ao seu opressor.
Precisa fazer sempre as mesmas coisas
e ir aos mesmos lugares todos os dias.
Sua única vindicta
é um momento de liberdade secreta,
que ele desfruta com plenitude.
Seu único consolo é uma fuga temporária,
entre dois instantes de desgosto.

VIAGEM COM OS ANJOS ALUCINANTES DE RAINER MARIA RILKE

O rumor da tarde aflora
com o mundo do lamento
e do tempestuoso sentir.
Um desconcerto de aflição nos aturde.
O ser obscuro dos espelhos
revela que todas as coisas são efêmeras.
Mas a visão interior,
que vem da pureza das constelações,
supõe o esplendor da magnitude:
a imagem de um lugar inefável.
O anjo que bebe o vinho iluminado dos rostos
transporta-nos pelo rio da noite infinita.
Pressentimos
a preocupação melancólica da despedida
e a superfície abismal da eternidade.
Do fugaz ao invisível,
o sublime espaço se inclina
sobre o humano espanto,
diante da dor primordial.

MEDITAÇÃO ESPIRITUAL III

O *ashram* está em mim mesmo.
O *satori* é agora,
em pensamentos sucessivos.

À LUZ DOS PRECEITOS DE GOETHE

O poeta dá permanência ao instante,
diante dos coloridos cálices de flor,
que a lua instila de perfumes do céu.
Evoca sentimentos eternos,
quando, sobre os telhados, gira
o enxame encanecido das estrelas.
Bebe passageira alegria,
com o bem-aventurado Hafis,
na cúpula das verdes nuvens,
para além da influência maléfica do cotidiano.
Sabe que a alma vem do céu e a ele retornará.
Que as graças o convidam
ao prazer, sem temores.
E que, em florido tálamo,
terá Jasão o corpo da imortal Deméter.
Píton e a hidra de Lerna foram abatidas.
Que Príapo castigue os hipócritas puritanos!
Que as águas ondulantes e os ciprestes
confirmem a hora do ansiado encontro!
Iluminado pelo fulgor do Éter sereno,
à sombra de um frondoso mirto,
Jasão sonha com a pele sensual,
os olhos sedutores
e as deliciosas reentrâncias da musa.
Quisera o herói ser conduzido aos lábios da deusa,
na noite de áureas estrelas.
Com o ardor dos que se procuram,
porque foram feitos um para o outro,
Deméter também espera o anunciado êxtase.
Canta ao céu o seu perfume
e o seu sorriso encantador.

CONTRIÇÃO À MANEIRA DE AL-HALLAJ

a Clara Janés

Se te pressinto em todos os lugares,
e além de qualquer lugar;
e adivinho a aurora do teu segredo supremo,
por que me extravio na prisão da vida?
Por que não me fixo na liberdade,
de quando toda separação se desvanece?
Se, do teu oceano de mistério,
há a gota de orvalho divino em meu coração,
por que a parte que sou
só vê o que se desprende da fonte?
Se meu todo imerge na tua totalidade,
quando emergirás do lugar em mim,
onde te ocultas?
O lago do mundo não me sacia a sede,
e a tua sombra se reflete no cântaro,
da penumbra que sou.
Se és em verdade meu eu,
se povoas todas as minhas visões intuitivas,
quando estarei contigo
em todo lugar e em parte alguma?

HAICAI 10

Tarde de nuvens sombrias.
Silêncio, nos ramos verdes.
Brisa do anoitecer.

RAYMOND QUENEAU DEFINE O TEMPO

O tempo é cardo, sem piedade.
Mandrágora que o vagabundo bebe,
em penumbras ignotas.
O tempo suscita gosto de aventura,
em hora de insônia;
de sombras tecidas, na luz dos dias.
O tempo é o murmúrio da estrela,
barulho de alegria;
aurora cristalina, onde se exila o homem.
Nos aros da noite,
janelas mostram o horizonte dormido.
Lua de infância, nas folhas ondulantes.
O tempo: respirar, além do muro do grande tédio;
além da certeza terrível,
no centro do mundo;
na claridade que se dissemina.
O tempo não nos isenta do instante fatal.
A canção do nada é o tema
que entoamos, à espera da grande aventura.
As noites eram doces
feito o céu, que resplandecia.
Não conhecíamos o medo
dos devoradores do presente.
Celebrávamos a plenitude dos tranquilos.
Só nos resta a insensatez dos que choram de rir.
Cérbero espera o seu bolo de mel.
Tudo é veloz, sombra noturna de lamentos.
Futuro que nasce, nos luzentes telhados da tarde.

O HEDONISMO DE CONSTANTINO KAVAFIS

É preciso cantar os velhos tempos de Antioquia.
Desfrutar do prazer de um formoso corpo,
dos lábios voluptuosos da beleza amada.
É preciso beber o vinho forte dos audazes
e perscrutar o futuro,
embriagado de recordações.
Aos míseros humanos,
sujeitos ao destino,
é melhor pedirmos o deleite da lírica fantasia.
Um alcoolismo piedoso, que nos console,
nas mudanças repentinas da fortuna.
A Arte da Poesia, divino obséquio,
é archote translúcido,
que reconstitui as visões eróticas:
perfumes e delícias das horas encantadas,
na companhia do antigo amor
ou no alegre festival de *Sham el-Nessim*.
Os passados dias são velas consumidas.
Na sombra desesperadora,
oscila o lume da doce recompensa.
Ninguém jamais viu a tumba de Apolônio, o sábio.
O poderoso Pompeu
teve a cabeça posta em bandeja.
Timolao, o músico de Siracusa,
envelheceu, mergulhado em tristeza.
Inquietos, os Lares inspiram
nômades contemplações.

SEDE DE ÊXTASE

Digo *não* ao tédio, na manhã enigmática,
que torno prazerosa.

Ainda que somente os pássaros me entendam
(e eles são invenções esotéricas dos anjos),
transito pelo meu caminho arborizado.

O estio faz o dia cálido.

Uma preguiça libidinosa entorpece tudo.

Viver assim:

sem complexo de culpa e sem rancor.

Que importa o que me disse ontem algum ignóbil?

A sede de êxtase provoca insensatez,
mas ensina deliciosas introspecções.

HAICAI 11

Finas agulhas de água.

Céu em transmutação.

Tarde de setembro.

HAICAI 12

Luar sublime,

sobre o mar cantábrico.

Noite visionária.

DIANTE DO AZUL

Diante da expansão azul,

respiro a pureza do ar.

Tenho pena de partir.

POEMA TAOISTA

Não fazer é abster-se dos pensamentos.
Despreocupar-se, confiar na natureza.
Música do vento nas folhas,
acreditar na plenitude do agora.
Rir da vida, enquanto é possível.
Deixar fluir as vibrações etéreas,
louvando as aves e as plantas.
Suave é a tarde,
quando compreendemos: não há nada a fazer.

HAICAI 13

O vento ondula,
no lago esverdeado.
Anoitecer chuvoso.

HAICAI 14

A ladeira íngreme,
do lugar silencioso,
onde o sábio se refugia.

CHUVA DE OUTONO

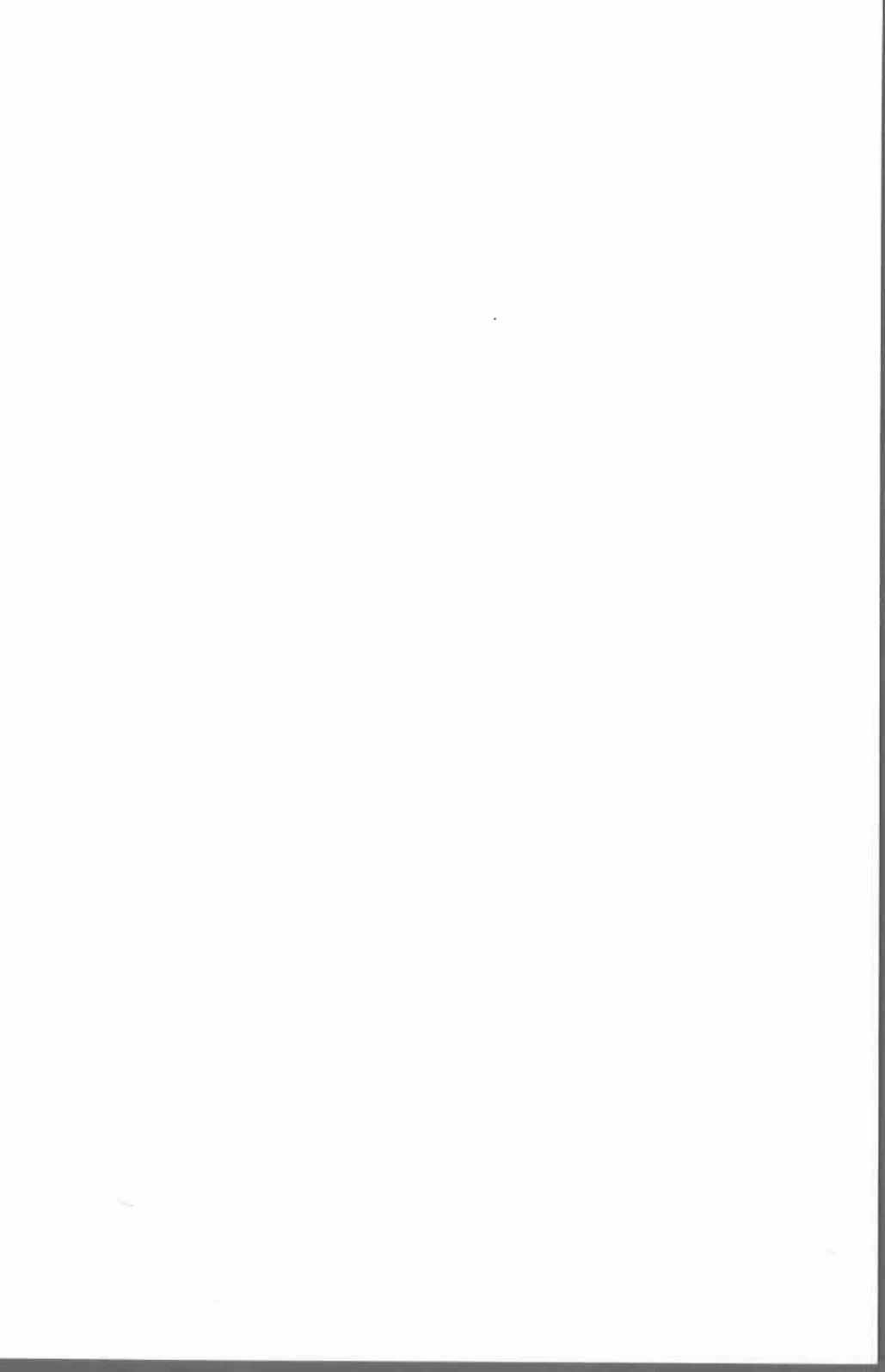
A primeira chuva de outono
gelou o céu e a terra.
Ando introspectivo.

MEDITANDO COM HORÁCIO

Ditoso o que não cobiça nem adula,
nos umbrais dos soberbos.
O que aproveita o ensejo,
para brindar aos homens piedosos.
O que, sob o influxo das estrelas,
pede ao pai dos ventos que, suavemente,
o conduza no selvagem pélago.
O que, sem perguntar pelo amanhã,
deixa-se consolar pelo esforço do dia,
como recompensa para as ameaças do Orco.
Sendo breve a vida, resta desfrutar,
moderadamente, dos dons de Líber;
não sem dissipar as penas vorazes.
Exígua é a conta dos dias.
Júpiter apenas retarda o voo do Destino.
Ao sacerdote das musas
permitido está sorver o doce vinho
e rir das travessuras de Cupido.
Enquanto for possível,
refutar o lamento fúnebre
e deleitar-se, no ócio lírico, da hora presente.

QUE REMÉDIO?

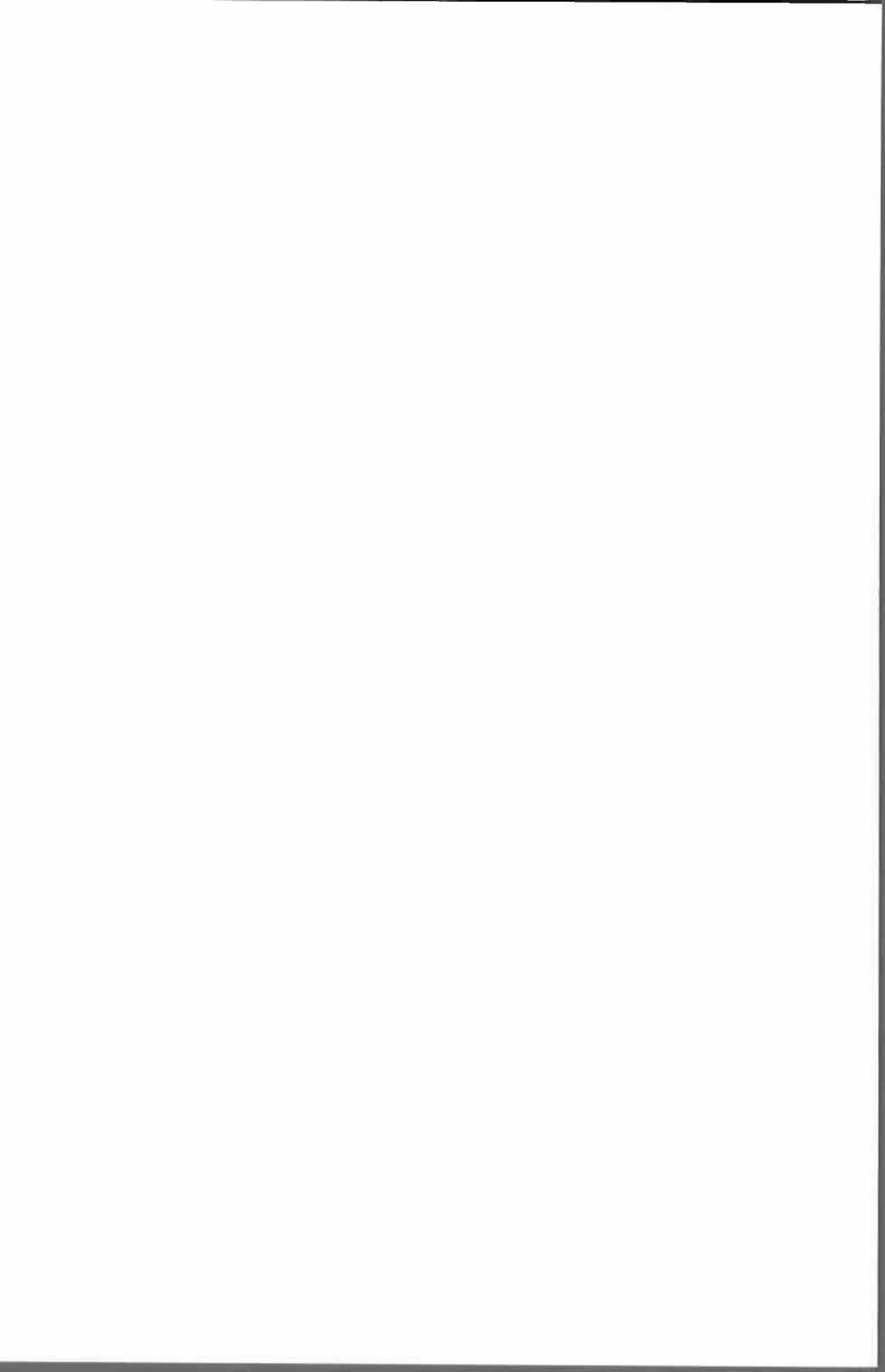
Na tarde verde do meu sonho,
o domingo é uma estância sensual.
Na solidão em que me espanto,
ressoa ao longe um sino.
A folhagem viva, de esmaltadas cores, me seduz.
Tenho os olhos patéticos, no ar do tempo.
Que remédio cura minha sede de eternidade?



ÁLBUM SEM FAMÍLIA



Ricardo Alfaya



A RESPEITO DE ÁLBUM SEM FAMÍLIA

por Tanussi Cardoso*

Álbun *sem Família* me parece o melhor livro de Ricardo Alfaya. Está um arraso!

Humor refinado, em que o autor consegue colocar muitas ideias, num espaço mínimo e curto de um poema. O livro é, ao mesmo tempo, simples e refinado, coisa para poucos.

Alfaya é um lírico engasgado, contido, quase envergonhado. Diante do mundo se faz pequeno, mas se torna grande: insolente e belo, daí sua grandeza.

Atrás de uma aparente simplicidade, trabalha um jogo de espelhos quebrados, onde os fragmentos dispersos são unos e únicos. Os poemas são pequenas joias; fotos de um realismo, filtradas em poesia valorosa e elegante, mesmo quando aborda temas sociais ou sutilmente libidinosos e amorosos. Mesmo ao falar da morte. Por sinal, neste livro, um argumento bastante frequente.

Para o cotidiano daqui, de Madri ou dos sonhos reserva sarcasmo, melancolia, sentido crítico e social. Elementos que fazem dessa poesia, mesmo quando inspirada no dia a dia, um tema universal, pela forma inteligente e criativa como aborda os assuntos. Tudo recheado de ironia e riso.

Talvez por isso, no poema *Oswaldiano*, o poeta parece querer do leitor que veja o riso, no poema,

sem preconceito. Pois o humor é algo muito sério e poético, quanto mais, quando abordado com inteligência e criatividade. Para Ricardo Alfaya, tudo é matéria de poesia; tudo é forma de poesia.

Alfaya mistura tudo: quadras, tercetos, poemas em prosa, poemas com versos rimados e com versos brancos, quase haicais, aforismos – um turbilhão de poesia por todos os lados. Assim, não passa despercebido aos mais atentos o requinte com o qual o poeta trabalha: metáforas, aliteraões, metonímias, jogos de opostos (antíteses), paralelismos, rimas ricas, toantes, internas e outras técnicas usadas por quem sabe de seu ofício.

Intertextos, fotografia, música, cinema, poesia, literatura, pintura, artes plásticas, poesia marginal, poema-piada, Quintana, Pessoa, Drummond, Oswald tudo se mescla neste grande livro de poesia!

Os versos finais do poema *Diante da Porta*, cheios de dubiedade e ironia, mostram bem o inegável talento do escritor e poeta Ricardo Alfaya: *Diante da porta, / tento encontrar a chave.*

Paradoxalmente, a sensação que me fica é a de que o poeta-cronista quer fotografar – quem sabe, metaforicamente, somente com o olhar – tudo e todos à sua volta. Mas, as coisas e as pessoas escorregam, movem-se, deixando a impressão de que a foto material nunca é conseguida: fora de foco, sem *flash*, sem luz, sem *click*, sem toque. Desbotada. Trêmula. Incomunicável. Solidão. A foto inexistente do morto. Percepção intuitiva da vida?

É como se a vida lhe pregasse uma peça e, ao invés de fotografar, passasse a ser o alvo de todos os olhares, de todas as câmeras; como se perseguido por um *Big Brother*: as lentes da TV, dos *outdoors*,

das vitrines, da paisagem, das janelas... O que fazer senão fugir e se refugiar na poesia?

Na verdade, não é, somente, um *álbum sem família*, mas, também, um álbum sem fotos, vazio. A vida está lá fora e se eterniza (e se basta) na poesia.

Ricardo me comoveu com sua obra.

* Tanussi Cardoso também está neste *Quadrigrafias* com o livro *Dos Significados*.

FOTO 001: ECOCARDIOGRAMA

Suspeito muito
de quem no peito
nunca toma susto.

FOTO 002: AUTORRETRATO

Filme os arredores,
grave múltiplos sons.
Faça o que fizer,
diga o que disser,
pinte o que pintar
— triste sina —,
não há como sair de si.
Todo ato termina
em autorretrato.

FOTO 003: APESAR DE FREUD

Há quem olhe para o sonho e não veja nada.
Apenas ri do aparente absurdo
ou reduz a interpretação ao imediato.
Há quem olhe para as 2.014 faces
de uma poesia e nela só veja o chão.
Todavia, há quem olhe para o solo
e nele consiga enxergar o múltiplo.
Encontrar as estrelas no céu é fácil.
Vê-las andando nas calçadas
requer sutileza de espírito.

FOTO 004: ÁLBUM SEM FAMÍLIA

Fotografe:
álbum sem família,
dela não tenho os laços.
Tenho mais:
amor em meus braços.
Sou aquele que não compreendes,
mas que, em beijos e amassos,
inteiramente te prende.
Sou teu carnaval,
serpenteado de confetes.
Teu Gato Negro, Merlot:
vinho fino, tinto, seco e chileno.
Ateu,
a Deus
e até
teu portátil
Hamlet.

FOTO 005: FLAGRANTE NA COZINHA

Não sei se é possível ser feliz.
(Khéphala de Delfos, pitonisa grega.)

A musiquinha tocava fuinha
no rádio de pilha.
A mulher cantarolava junto,
em voz alta e desentoada.
A noite chegava mansamente para o jantar.
O feijão queimava.
Insensatamente feliz,
ela nem percebia.

FOTO 006: AGORA EM RETRATOS

Os segundos capturados pelas câmeras,
expostos nas prateleiras, à sua escolha.

O verso todo esquartejado,
moderno retrato cubista.

Época de imagens superpostas:
colagens surrealistas.

Ó delicadas faces divididas da Pessoa!

Não há múltiplos eus.

O eu é único ponto, no fundo.

O dentro e o fora:

ego e vida em estilhaços,
retratados pela arte de agora.

FOTO 007: QUADRO

Pintou a parede
e chorou.

A lágrima pingou
em azul cobalto.

Era um pintor.

Parou.

Desceu da escada.

Enrolou jornais,
latas e pincéis.

Guardou tudo.

Era preciso dar um tempo.

Era preciso que a tinta
secasse dos olhos.

FOTO 008: RETRATOS PARA ESQUECER

O recusado ou adiado
às vezes insiste e atormenta.
Então retrato
para esquecer.

FOTO 009: CLIQUE!

Crianças redondas,
num mundo de luz,
brincam nas telas
de Orlando Teruz.

FOTO 010: CLOSE

Close naquele rosto à esquerda,
cheio de desejos e prospectos.
De projetos desfeitos em lágrimas
pela extremamente direita realidade.

FOTO 011: SENHOR DE MIM

Da agenda não me esqueço.
Diariamente, nela anoto alguma tarefa.
Uma vez registrada, até a mais ingrata
parece-me completamente dominada.
Para sentir-me ainda senhor de mim,
recorro enfim à folhinha:
nela desfolho meus dias descartáveis.

FOTO 012: POEMA MONSTRO

Desenho um monstro.
Pintura proibida.
Alma dóida brilha na tela.

E penso em Goya.
Em Dorian Gray
e seu louco retrato.

Empastelo o quadro.
Carrego nas tintas.
Salve, Allan Poe!

Procuro os anjos,
o perfume dos anjos.
Mas só encontro
os anjos tortos
de Augusto,
Drummond
e Aleijadinho.

FOTO 013: TORRENTE

Tenho para mim:
uma tempestade me leva.
Na alma,
a lama dos sapatos.
Com água suja,
pinto na tela
minha aquarela.

FOTO 014: RETRATOS NO TAPETE

Queria cantar, já era tarde.
Movia-se a noite para longe.
Logo viria o dia?
Arrastava as sandálias pela sala.
O ruído, antes que acontecesse,
já ouvia e ria, pensando em dalias.
Que as palavras nele tinham por hábito
produzir esse efeito de evocação.
Dália, flor que nunca vira,
às vezes demente,
poderia ficar horas a observá-la a esmo.
Mesmo que não existisse, a vida passava,
deixando marcas no tapete.

FOTO 015: DEUSA

Tua face escapole gigantesca,
de um letreiro sorridente.
Do alto do *outdoor*,
tua beleza feminina
toda a paisagem domina.
Às 18 horas,
na Presidente Vargas,
tudo é completamente vago
e vaga feito o teu rosto imenso.

FOTO 016: OSWALDIANO

Não se engane, meu bom camarada.
Nem tudo que faz rir é apenas piada.

FOTO 017: NO CORAÇÃO DE MADRI

Lamentáveis palhaços contemporâneos
se vestem de marinheiro americano sem cabeça,
Drácula, Mickey Mouse e outros personagens.
As imagens alienígenas e decadentes
são estimuladas pelas fotos de turistas risonhos.
Os fantasiados são um contraponto surrealista,
perante a austeridade e pretensão artística
da maioria dos prédios de Madri;
quase todos, históricos e neoclássicos.
Imigrantes do Terceiro Mundo vendem de tudo,
inclusive, cornetas e assobios irritantes.
Em qualquer rua, humanas estátuas vivas e
músicos, de variado grau de talento.
A crise na Espanha assola,
mas procura-se disfarçar o pedido de esmola.
Depois de caminhar pela Puerta del Sol e
de ter visitado o Palácio Real,
encontro-me agora na Plaza Mayor.
Vejo-me cercado por arcos do século XVII,
em amplo e aberto pátio quadrado,
rodeado por lojas e mesas de restaurantes.
Um mundo etílico, em burburinho,
contorna o sóbrio e pétreo monumento a Felipe II.
Imagem daquele que construiu a soberba Plaza,
para glória e prestígio de seu próprio reinado.
Em 2012, o vento frio de novembro é danado.
Não há vinho tinto e seco de Rioja
que es quente o corpo
e, muito menos, que absolva o espírito.

FOTO 018: MOLEQUE AO SOL ENTRE FLANELAS

Pé no freio,
bomba de gasolina.
Perto do fim da linha,
a vista embaça.
Sob forte mormaço,
um moleque Ricardo,
na janela do carro,
a flanela passa.
Tiro os óculos.
Esfrego na camisa
meu corpo de vidraça.
O garoto sorri,
sorriso de volta.
Mas nada limpa a minha dor.

FOTO 019: OFICINA DE SOMBRAS

A donzela encastelada.
As miragens, as projeções,
sob a luz de velas.
Se ao menos ela lançasse ao vento
suas tranças de letras.
Mas a torre,
dessa inalcançável Rapunzel,
é vedada à visita pública.
E, de domingo a domingo,
o poeta (impossível dragão)
permanece sozinho,
cuspindo palavras de fogo
em sua oficina de sombras.

FOTO 020: BAR DO JESUS

O português atrás do balcão espirra.
Entrementes,
procuro um motivo lírico que me inspire.
Suspiro à musa, e ela entra.
Um tanto capenga, sem dentes, rasgada blusa.
Arrasta pela mão uma criança suja.
Minha musa chega,
aproxima-se da minha mesa.
Dá-me como inspiração
a mão estendida,
a pedir-me um prato de comida.

FOTO 021: PAREDE FEITA MUSA

*Escrevo para as paredes
e finjo que têm ouvidos. (Ricardo Alfaya)*

Linda e delicada alvenaria,
apenas a ti, que não me escuta,
dedico este canto.
E apenas em ti, amada branca,
penduro este meu insólito retrato falado.
Sei que és parede calada, de viver invisível.
Mas pelo menos me abrigas das pedradas,
implícitas nos olhares dos indiferentes.
Santa e clara,
feito sagrada estátua que vi em Ávila,
protege-me das vaias,
das cusparadas, dos dejetos abjetos
e de outros projéteis desprezíveis também.

FOTO 022: A ANGÚSTIA DO HIPOPÓTAMO

O hipopótamo voava,
para todo o lado,
sempre sob a ameaça
do próprio peso.
O hipopótamo sabia:
hipopótamo não voa.
E por isso ele deverá cair
a qualquer momento.
O que mais o angustia,
todos os dias,
é não saber
quantos morrerão
(além dele próprio)
em consequência
da estupenda queda.

FOTO 023: SUJEITO INEXISTENTE

Impossível, retratar o silêncio.
Como dizer
sobre um ser que nada é?
Como dizê-lo,
se feito de ausência?
Como pelo menos provar
sua existência?

FOTO 024: CONTO DE FADOS

O além-mundo é o que busco,
quando vou passear no bosque.

FOTO 025: COLAGEM AO LÉU

Caco a caco,
catam-se pequenas peças soltas, embaralhadas.
Mosaico, quebra-cabeças.
Cola-se tudo em papel-cartão, com goma-laca.
Bem no meio da cidade,
ergue-se então o delicado totem ao céu.
Ergue-se, menos como um busto ou monumento.
Sim, feito um *outdoor* ao léu.
Inteiraente nu, ao relento,
expõe-se o curioso
retrato deste tempo.

FOTO 026: LANTERNINHA

De lanterninha,
invadi o escuro
da câmera.
Procurei a mim mesmo.
E, mesmo assim,
não me encontrei.
Achei um outro,
que roubara a minha cara,
e que naquele fundo me era
completamente estranho.

FOTO 027: MONTE SINAI

Sozinho, no Monte Sinai,
nenhuma tábua,
nenhum sinal.

FOTO 028: O SORRISO DA MAÇÃ

Meu coração se desconecta:
sabe que tudo já morreu.
O que sinto é incomunicável.
Ninguém pensa como penso
e, menos ainda, sonha o que sonho.
Suspenso,
um mundo medonho:
ilha, isolamento.
– Garçom, uma foto, por favor!
Olho a imagem defunta:
a natureza-morta, num suco de frutas.
Na maçã direita, um leve sorriso:
sarcástico rubor.

FOTO 029: CARTA

Desculpe os rabiscos.
O tempo é curto
para passar
a vida a limpo.

FOTO 030: SEM ALMA

Frio
&
curto
foste
um golpe sem sorte.
Um poema sem porte
de alma.

FOTO 031: A TARDE DESNUDA

Encontro, encantado, a tarde.
Descubro-a de repente,
recostada no espaldar de uma cama, no El Prado.
A tarde é clara e tem o peito perfumado.
Os alados bicos de seus seios tremulam
junto à linha do horizonte.
A tarde é morena,
mora em Ipanema
e tem a fragilidade de um dia.
Mistura de paisagem que flutua,
mulher nua e tela de Goya.

FOTO 032: FARTO

Em que pesem as cicatrizes dos atos,
em que pense nos desenganos dos fatos,
conduzo ainda no rosto um sorriso... Farto.

FOTO 033: TEMPLO NUBLADO

Ao redor,
a luz é pouca.
A lua, tosca.
Tampouco consigo
iluminar-me.

FOTO 034: VIDÊNCIAS

Alguns têm visão. Outros, televisão.

FOTO 035: O ATO DA ESCRITA

Escrever: ato íntimo, ato falho.
Deixa-se o mundo lá fora,
mesmo quando aparentemente dele se fala.
O que o poeta diz é sempre outra coisa,
ainda que se refira ao próprio eu.
Toda fotografia é uma ilusão.
E a escrita é uma forma de fotografia.

FOTO 036: PERDIDA PERDIZ

Alguém sabe a receita para esticar as horas?
Para aumentar a vida?
Para adiar a vinda da morte?
Ninguém sabe, ninguém sabe nada.
Mas há um punhado de doidos,
sempre dispostos a dar conselhos:
— Faça isso e você será feliz!
Quem fizer será apenas perda perdiz.

FOTO 037: VOCÊ É A MINHA NOITE

Você transforma a manhã em crepúsculo.
Você é sempre noite, e eu amo a noite.
Ao seu lado, tudo é lua, jazz e *dance*.
Você é o meu lance.
Com o celular, tiro o seu retrato.
Nele, vejo-me irrestrito.
Em sua boca, beijo o infinito.

FOTO 038: POEMA MIO

Esgueirei-me
pelos cantos da casa,
pelos prantos da sala,
pelos pratos da pia.
Os meus olhos de gato,
entre os fantasmas
do fundo do quarto.
Afundei-me entre botas,
fechaduras de portas.
No fim das contas
de vidro.

FOTO 039: SEM PONTO DE FUGA

O tempo não se comove com a beleza. (Alfayeus)

Na retina,
a imagem de futuras mulheres
a quem nunca mais verei,
senão agora:
contornadas por metálica moldura.
E que assim para mim
serão sempre meninas.
Ainda que anos depois
estejam amareladas, manchadas,
enrugadas e envelhecidas.
Vítimas da indiferente ação do tempo,
sobre a tela da pintura.

FOTO 040: ATRÁS DO MONTE

Um inalcançável poema some
entre as verdes oliveiras
do Monte das Palavras.

FOTO 041: POR CAUSA DE NIETZSCHE

Talvez por causa de Nietzsche,
acreditei um dia na incompatibilidade
de se fazer, simultaneamente, filhos e versos.
Dentre os dois, fiquei com os versos.
Mas não quero para mim
a história de que meus versos sejam meus filhos.
Comparação falsa e injusta para com as crianças.
Apenas Zeus fazia de sua cabeça um ventre,
e dele nasceu Atená.
Porém, versos não são deuses,
não são mitos.
Muito menos, imortais.

FOTO 042: TRÊS PEREGRINOS E UM CORAÇÃO

Três reis
batem à minha porta.
Perguntam por um menino.
Olho em meu coração,
está vazio.
Em que caminho me perdi
da Estrela de Belém?

FOTO 043: CURTA-METRAGEM

Em breve cartaz,
neste cinema,
lânguida chama:
poeira, alegria & drama.

Vida,
passas mais rápido
do que a câmera.

Estrelas anônimas,
brilhos de instantes,
enigma de estantes.

Engoles enredos,
comédias humanas.

FOTO 044: FLASH

Outro dia,
na Rua do Ouvidor,
queria tanto
alguém me ouvisse.

FOTO 045: ATRAVÉS DA VIDRAÇA 2

A sutil fronteira
que me separa
do todo não passa
de tênue vidraça.

FOTO 046: ESBOÇO DE REPORTAGEM

Dois ou três homens
olhavam para três ou quatro mulheres.
Eles usavam calças pretas,
bengalas e cartolas.
Elas, vestidos longos,
terminados em rendas.
As senhoritas se esmeravam
em gestos tênues.
Porém, com um movimento de asas,
levaram graciosamente os leques aos lábios.
Com severa meticulosidade e suíça precisão,
continuei a colher depoimentos e conversas.
Mas, não toquei em nenhuma flor do campo.
A morena clara, sombrinha aberta ao ombro,
lembrava-me uma pintura de Monet.

FOTO 047: QUEIMA DE ESTOQUE

Eu poderia estar aqui, no palco,
falando para multidões.
Mas, são coisas do destino.
Ou talvez a culpa seja só minha,
ou do Sistema.
De estar aqui sozinho nesta queima
de estoque.

FOTO 048: FAMÍLIA FORA DE FOCO

A menina não para quieta.
Ele se impacienta:
grita e tenta coordenar.
Diante do tripé,
a família se acha toda reunida:
a mulher e os três filhos barulhentos;
a mãe dele, o pai e a sogra.
Também, a irmã, com seus dois rebentos.
E mais o cunhado quarentão
com sua amante adolescente.
Ele não consegue enquadrar,
como gostaria, a multidão rebelde.
Uma das crianças chora, o cachorro late.
— Quem está a fim de cair na folia?
Pergunta, agitando o ambiente, um primo gaiato.
Para desespero do fotógrafo, todos se mexem.
A esposa mal suporta a de colo: — Anda!
Mas a foto perfeita tem seu protocolo.
No céu, o dourado do Sol logo dará lugar
à fria luminosidade da Lua.
E o *flash*, há muito, não funciona mais.

FOTO 049: TREINAMENTO

Diariamente,
treinar a mão
no gesto firme
do adeus.
Todos os dias,
estamos partindo.

FOTO 050: FILME REPETIDO

Segunda-feira é dia de feira
na rua paralela à Dois de Dezembro.
Barracas sendo montadas na madrugada.
Isso quer dizer: pancadas.
Fora da cama, meu cérebro clama.
Na noite insone, ninguém responde.
O que em geral mais atormenta
é ridiculamente tão pequeno,
que nem na literatura tem cabimento.
Guio para outra direção a câmera.
Em vão olho pro céu, pro céu, pro céu...

FOTO 051: SOB O OLHAR DO SOL

No corredor do Metrô, uma tela de TV captura
e exibe publicamente minha imagem.
Nem me pede licença ou me paga direitos.
Só uma placa fria me avisa e ainda me diz: *Sorria!*
Fecho a cara e imagino meu corpo diminuto,
passando sob o olhar de um observador anônimo.
Alguém que, numa sala de controle qualquer,
vigia sonâmbulo a ordem do mundo.
O monstro de metal, sobre os trilhos, breme.
Ouve-se doloroso gemido eletrônico, e ele parte.
O movimento produz leve tufão, a causar arrepios.
Adiante, mergulho na longa garganta de concreto
que me leva direto à boca da Muniz Barreto.
Já lá fora, vigia-me agora um Sol inclemente.

FOTO 052: MORTUÁRIO

Nem sempre é fácil reconhecer um cadáver.
O morto pode estar em toda a parte,
sorrir com sua carranca de lápide.
Alguns defuntos fedem, mas nem todos.
Encontram-se mortos incrivelmente perfumados
e muitos se cobrem de flores.
Há os que viram pedra no caminho,
sentados em bancos de praças e praias.
Existem os que dançam, mas são raros.
Normalmente, vagueiam sós,
quase que totalmente invisíveis.
Um morto ignora o que fazer com o próprio corpo,
o mais inquietante problema de sua condição.

FOTO 053: NA BALANÇA

Com 10 gramas
de drama,
eu me escrevo.
Em poucas palavras,
sem desespero.
Ergo meu ego,
dolentemente,
em dórica coluna
elegante.
Estoico,
helênico,
semiclássico.
Discreto,
descrevo-me.

FOTO 054: RETRATO QUE SORRI

Esse homem branco sorridente no retrato,
sem pudor, oferece-me um dentifrício.

Ele pode ser daqui, talvez de São Paulo,
ou, quem sabe, um espanhol de Madri.

Mais provavelmente, um nova-iorquino.

Quiçá um francês, num bulevar de Paris.

Porventura, um executivo germânico,
um *gentleman* britânico.

Esse homem, cuja face brilhante é a de milhares,
olha-me diretamente nos olhos.

Ele me espreita, com toda franqueza,
na apertada sala de espera do dentista que,
daqui a pouco, extrairá de mim, para sempre,
um valioso e inestimável dente.

O modelo elegante,
na quarta capa daquela revista intrigante,
tenta inutilmente convencer-me de que,
como seu rosto em tela, a vida é azul e bela.

FOTO 055: FLAGRANTE NUMA PRAIA VAZIA

Tremulam palmeiras na praia vazia.

Tremulam palavras, tremulam coqueiros.

As ondas da tarde inundam os relógios.

Nos arredores, casebres arredios.

Arrepios e pios automáticos de pássaros
ruidosamente saúdam o crepúsculo.

Tento relaxar os músculos.

Uma câmera para mim aponta.

Reúno os restos de esperança em meus dentes.

Quem sabe aparecem na fotografia.

FOTO 056: DIANTE DA PORTA

A vizinha do quinto andar me garante
que, quando morrer, vai pro céu.
Espanto-me,
mas ela me assevera que aceitou Jesus
e que esse é o seu comércio com Deus.
Claro que não usou esta palavra: *comércio*.
Ela disse *trato*.
Deixo-a cantarolante no quinto,
onde um apartamento em obra
produz um barulho dos infernos.
Pensativo, subo.
Não ao sétimo céu,
mas ao nono pavimento.
Ignoro se estou salvo.
Ignoro se ela está salva.
Mas ela acredita
e canta.
Diante da porta,
tento encontrar a chave.

FOTO 057: A ESPERA

A câmera me filma.
Por trás do olho mágico,
alguém me espia.
E todos me pedem
que sorria.
Mas ninguém vem
abrir-me a porta.

FOTO 058: MORRE A DOR EM MADRI

Morre a dor, de repente,
trespassada por uma seta:
flecha firme e exata no peito.
Plena era a luz do dia.
Morre a dor!
Quadro a quadro, agoniadamente,
como sempre viveu.
Morre a dor, e ninguém faz nada.
Quem dela se apieda?
Quem lhe destina, ao menos,
a mais mísera moeda?
Morre a dor, ao relento, por inteiro,
em pleno Parque do Retiro.
Falece, fotografada alegremente por turistas.
Morre a dor feito uma autêntica artista:
pobre, encurralada e humilhada
naquele parque de Madri.
Morre, vítima de uma piada,
sob o estridente sorriso dos homens.

FOTO 059: CORRENTEZA

Da fotografia escorrem:
um violão,
dois livros,
três sonhos,
meio sorriso
e outros objetos levados.

FOTO 060: SELO DE GARANTIA

Toquem as mãos deste homem.
Vejam, não há artifício.
Em cada, perfeitos cinco dedos,
longos e macios;
egípcios e desertos.
É a melhor oferta
neste mercado persa.
Traz como garantia,
nas duas palmas,
o M impresso.

FOTO 061: PASSEIO NUM BOSQUE DE ESPELHOS

Como você sabe que a noite se acaba,
mas você não?
Como você sabe
se não há cabra de emboscada?
Como você sabe se a cara que te embosca
não é apenas uma outra face de você?
Como você sabe se o que vê é verdade
ou tão puramente televisão?
Como você sabe, abracadabra,
Se não é tudo uma enorme ilusão?
Como você?
Como?

FOTO 062: RAIOS X DA MORTE

Reúno todas as flores
do cemitério São João Batista
e as entrego a quem dança, em plena pista.
A morte acompanha todos os passos.
Inútil fingir não vê-la.
Acha-se até na poesia e no vinho,
saudados por Baudelaire,
convicto dos supostos benefícios da embriaguez.
Meu pobre pequeno burguês,
como você é impiedosamente enganado.
A morte nunca se vestiria de noite sombria,
nem andaria por aí, conduzindo uma foice.
Assim vestida, nunca a ninguém burlaria.
Mais esperta, a morte quase sempre lhe espera,
trajada de gala, prazer e alegria.

FOTO 063: MADRUGADA SOBRE TELA

Diz o guru: — Viva sorridente!
E assim insiste e repete sempre certa senhora,
todos os dias, em positivos *e-mails* coletivos.
A madrugada, tem hora,
é quase um anagrama de *amargura*.
Outro *e-mail* frio: puro gelo,
ao final de um domingo.
Nos mais de 100 recebidos:
solicitações, autopromoções e anúncios diversos.
No fim, todos apago: tela em branco, não fica um.
Pois nenhum é verdadeiramente para mim.

FOTO 064: O BRILHO DO SOL EM ZAMORA

Eram 17 horas.

Depois de muita chuva,
o Sol brilhou em Zamora,

desafiando os 11 graus daquela tarde.

Com minha supercâmera digital,
tentava, afoitamente, fotografar-lhe o rastro.

Tudo que restou daquele momento inimitável:
várias fotos e nenhum astro.

Imagens completamente escurecidas,
somente vistas às 18 horas, de 20 dias depois,
sob o entorpecente mormaço do Rio.

Ai de todo o artista
que tente aprisionar a luz.

FOTO 065: SANGRIA

Sangro
como sangra a noite:
um sangue negro.

Sonho
com tudo que perdi.

Sinto-me:
estou vivo
tal uma pedra,
lápide de um túmulo.

Não tenho nada,
nem mágoa ou qualquer outra água
para sustentar meus pés.

E meu mar é vermelho demais
para que tente a travessia.

FOTO 066: PESO PLUMA

Tento soprar
um poema leve
feito de gás lilás
Balão de aniversário
cheio de nada
para socar aliás
Para
flu
tu
ar
até ti
através do
Imenso vazio
escorrega
Dio!
Um poema mio
um pio
Um poema espírito
livre do corpo

Rio de Janeiro, 08.08.2013

FOTO 067: PORCELANA CHINESA

Luz na água do chá.
O rosto de um monge
dentro da xícara.

FOTO 068: A MADRI QUE VIVERÁ

A Madri que vi,
não é a Madri que vive.
É, tão somente,
a Madri que vi.
Não posso dizer:
— Conheci Madri!
Embora por ela tenha perambulado,
durante 20 dias e noites nublados.
Apesar de ter experimentado seus vinhos
e de ter posto na boca
suas exóticas comidas barrocas.
De ter pisado em seus templos e túmulos.
De ter até conversado com seus mortos.
Para mim, Madri será sempre outrora.
Uma nuvem, um sonho do passado: desde agora.
Dias que por lá passei,
anônimo, sem qualquer triunfo,
ainda que sob tantos arcos.
Existe uma Madri cambiante,
que dizem ser a verdadeira.
Existe uma que é só minha:
filme que rodará para sempre
no cinema de mim.

FOTO 069: QUEBRA-NOZES

No palco,
bailarinas dançam.
Jardim em movimento.

FOTO 070: REPÓRTER SEM FURO

Pulo amarelinho na linha vermelha.
No Rio, todo o cuidado é troco.
Um louco joga belas perdidias em Atená.
Alheio alienígena, pergunto-me: *Pourquoi?*
Aposta-se um dólar por um furo:
quem ainda acredita no futuro?
Esppeculo no céu uma edição extraterrestre.
Porém, de asa esquerda quebrada,
só voo completamente desequilibrado.
E embora teime nos costumes de minha crônica,
minhas cinco antenas azuis não captam a Razão.

FOTO 071: A EXECUÇÃO

Tensas, as flores me espiam e fotografam,
enquanto passeio pelo jardim.
Temem seja eu mais um que, por defastio,
as arranque do chão e as despetale,
decretando-lhes o fim.
Tramam assim friamente,
durante meu tortuoso caminho,
executar-me a espinhos.

FOTO 072: FOTOGRAMAS

Fotograma a fotograma,
repasso o filme *Eu, em pedaços*.

FOTO 073: RETRATO DE OLINDA

Quem você, Olinda,
reunião de todas as dores e alegrias findas?
Quem você, colorida criança mundana?
Quem, sedutora dama?
Quem, fêmea chama divina,
amálgama de alvorada, nuvem e marinha?
Quem, escandaloso cio de fontes em delírio?
Você, inconcebível carnaval,
quando todo ano-novo me parecia tarde.
Você, impossível sol,
quando completamente nublado o meu tempo.
Verde coco gelado,
contendo louco néctar libertário.
Nudez cristalina,
cinquentona e menina,
escorrendo líquida sobre o meu peito.
Você, lilás voraz, a molhar-me inteiro,
quando já me sentia tão só, tão seco.
Tão asperamente de areia de deserto feito.

FOTO 074: VÉSPERA DE FERIADO

Não sei se amanhã
a lanchonete abre,
nem se à noite haverá
baile na Gaúcha.
Nem mesmo,
se Ana estará em casa.
Não sei sequer se amanhã
haverá amanhã.

FOTO 075: TIRADA POR MIM

Tua delicada sombra sobre a grama.
O perfil tão leve e diluído em plena bruma.
Pudesse eu estar novamente aí, em teu jardim,
no fim dessa remota tarde de domingo.
Desde que contigo,
e ainda que para viver
completamente fixo, emoldurado.
Nem que fosse apenas
nessa já desbotada fotografia,
tirada por mim.
Desde que para sempre a teu lado.

FOTO 076: NOTÍCIA FABULOSA

Na tarde vagabunda,
um perdido vaga-lume pisca.
Brilhante luz,
faz-se intensamente visível
em plena claridade.
O inexplicável fenômeno,
fotografado por um instituto de astronomia,
foi inicialmente atribuído a um óvni.
Segundo confiáveis fontes não reveladas,
a nitescência chegou a ofuscar a luz do Sol.

FOTO 077: SERVIÇO DE LIMPEZA URBANA

Dormia ao relento
um doido,
varrido pelo vento.

FOTO 078: TRÊS PÁSSAROS

Desconheço
o momento do tombo.
Mas, perto de certo rio,
existiria um lago
que teria águas cristalinas.
Nele seria possível mirar-se
e ver-se por dentro,
sem cortinas.
Poder-se-ia até
banhar-se duas vezes
nas mesmas lágrimas.
Garantiram-me três pássaros.

FOTO 079: SÓ NÓS DOIS

Somos só nós dois:
eu e eu,
tagarelando sobre o asfalto,
sem ter bem um destino.
Qualquer lugar serve.
Qualquer hora se inventa
um quadro, um poema.
A noite cai de repente,
vinda de não sei onde.
Logo irá embora,
e chegará a manhã,
e depois,
e depois,
e depois.

FOTO 080: VISITA AO MUSEU

Em silêncio, percorrer salões.
Viajar por galerias intermináveis.
Contemplar quadros de séculos passados.
Sufocar nas antecâmaras do Renascimento.
Escavar, ansiosamente, a poeira soturna
que encobre a Inquisição medieval.
Admirar, contemplativo,
as putrefatas vísceras sangrentas
no solo do Circo Romano.
Maravilhosas quinquilharias ocultas
em nosso museu interior.
Local permanentemente em obras
e definitivamente vedado à exposição pública.

FOTO 081: APÓS O ROMPER DO DIA

Não sei se a objetiva capturou
ainda alguma beleza minha,
em qualquer obscuro ponto,
das fotografias tiradas por Bela
(ficou bem aquela, diante da janela).
Desconheço se a anatomia
das minhas dúvidas
algum dia me permitirá a dádiva
de ser amado de verdade.
Nesta terra batida,
recolho as fotos devolvidas.
Tudo que sei
é que estou
novamente sozinho.

FOTO 082: RODA!

Na paisagem automóvel,
o cenário passa
a 80 Km por hora.
Não sei agora
por onde anda Baco,
ou mesmo, em que lago
as bailarinas dançam
a morte do cisne.
O motorista avança,
e recomeça o filme.
Faz tempo que
não saio da garagem.

FOTO 083: INSPEÇÃO DE ROTINA

Passo a mão pelo rosto.
Dos olhos até o pescoço,
nenhuma lágrima à vista.

FOTO 084: AGORA É TARDE

Que Santo Amaro
me convencerá de que a vida é doce?
Bato uma foto tremida de mim.
Medo de quê? – Indago a meus temores.
Para mim, a Glória é só o bairro em que moro.
O Sistema se esqueceu de corromper-me
com dinheiro, fama e reconhecimento.
Agora é tarde.

FOTO 085: FECHA-SE O DIAFRAGMA

Baixa-se a tampa:
pela última vez,
contempla-se a estampa do corpo morto.
Caixão: definitiva câmara,
derradeira foto de uma cara.
Final de espetáculo,
em que todo o mundo vira palhaço,
em bizarro palco coberto de flores
(inútil pedir bis).
Despetalam-se as dores,
desatam-se da família os laços.
O patético final de ato
deixa tudo e todos em pedaços.
Na urna, o estranho e extremo voto:
um rígido rosto,
a imagem de santinho,
que todo o cadáver tem.
Real e viva, a foto exclusiva
para quem ao cemitério vem.
Imagem dura e fria,
que nunca fará parte,
do álbum de família.

FOTO 086: DE NOITE NA NECRÓPOLE

Décadas depois do golpe,
a estátua do general
ajoelha-se no chão da necrópole.
Pede em vão aos anjos de pedra
que lhe concedam o perdão.

FOTO 087: O MELHOR DA VIDA

Que marcas deixei?
Estes poemas?
Rio-me e permito-me um lugar-comum:
pegadas em areia.
Estes leves poemas de nada
desaparecerão na água que tudo lava.
E estes e alguns outros poemas,
cacete,
foram a melhor coisa que pude fazer na vida.

FOTO 088: É FANTÁSTICO

Um homem perdido,
naquele quarto que é sala,
naquela sala que é quarto.
TV e janela olham para ele.
Lá fora, impassível,
o aguarda o infinito.
Se impossível o grito,
tampouco despejará no ar
o mais ínfimo gemido.
Madrugada cai ao chão.
Mistura-se ao colchonete,
que lhe serve de cama.
Sem drama,
o homem acaba
dormindo.
Fim de jogo,
final de domingo.

FOTO 089: PLANETÁRIO DA GÁVEA

Dez dias depois de Madri,
e de ter passado também por Parati,
estou frente a frente com o deserto de Marte.
E, de tudo que vi, de tudo que vivi,
o deserto foi o que ficou.

FOTO 090: A REVELAÇÃO DO NEGATIVO

O negativo
é a sombra oculta da foto.
Não haveria foto,
se não houvesse o negativo.
No silêncio da tela,
a fotografia revela:
mesmo o negativo
é positivo.

FOTO 091: SESSÃO DA MADRUGADA

No quarto azulado pela tela,
o galã louro toma um Martini
e atira num moreno latino
que morre brando,
após um assalto em branco.
Na madrugada insone,
enquanto a cena come,
eis no sofá, sem repouso,
enluarado poeta minguante.
Espera o final que já sabe:
para os caras pálidas, sempre feliz.

FOTO 092: DÉJÀ VU

As imagens têm gosto de passado.
Os sons, cheiros de outrora,
de histórias há muito guardadas.

Guardas!
Abram as portas!
Revelem os corredores
dos castiços mosteiros!

O que tanto se esconde
neste corpo labiríntico?
Nestas escuras celas de mim?

FOTO 093: PERPLEXIDADE LEXICAL

Abro o dicionário:
435 mil palavras.
E nenhuma me diz
o que desejo ouvir.

FOTO 094: IMAGEM FLUTUANTE

A pétala flutua, suave e bela.
A menina aponta.
A mãe, por um momento,
desvia os olhos da novela.
Mas nada vê, nem faz de conta.

FOTO 095: NAÇÕES UNIDAS, PASTEL SOBRE TELA

A poesia às vezes não é nada. Só disparate, máscara para dizer-se o que não se pode ou o que não se tem coragem de encarar dentro de si. (Alfayeus)

As sombras têm dois metros de altura
e deslizam pelas paredes do apartamento.
Dão risadas agudas, ferinas, femininas.
Seus risos disparam da sala para o quarto.
O internauta português não as vê nem as ouve,
mas sabe que estão lá.
Assim como se sabe, mesmo sem se ver:
até os corpos das bombas são feitos de átomos.
Há um mundo de seres invisíveis,
garante esse navegante lusitano ao gerente italiano
de uma loja de quimeras das arábias.
Duas orientais, pacientes, olham de soslaio para o
lusíada e sorriem entre si, confidentes.
Existem agora duas possibilidades,
avalia o lisboeta, em sua calculadora portátil,
enquanto nota um óvni de prata disparar um retrato
e sumir, para sempre,
no sem fundo de um prato.
Sábio, ele escolhe, das hipóteses, a mais cruel:
— Elas certamente zombam de mim.
Aqueles duas graciosas e impossíveis japonesas,
em quimonos estampados e sombrinhas furta-cor,
em plena segunda-feira de calor,
na Praça das Nações Unidas, em Bonsucesso,
às onze da manhã, em frente a um pastel chinês.
Mulheres lindas, que somente ele vê.

FOTO 096: MORTE E PAIXÃO

Gostaria que a morte
se aproximasse
sem muito estardalhaço.
Viesse de repente,
com poucas palavras.
Não me trouxesse nenhuma cruz,
nenhum cravo a mais.
Ademais, tal um grande amor,
que eu a reconhecesse
ao primeiro olhar.
Gostaria que fosse amável morena clara,
vestida em sumária branca anágua.
Que me envolvesse em seus braços de seda
e me seduzisse completamente.
Que me permitisse, naquele derradeiro instante,
um último e estrondoso gozo.
Queria a morte igual à água:
transparente e com gosto de nada.

Rio de Janeiro, 29.03.2013, Sexta-Feira da Paixão.

FOTO 097: TOQUE PRECISO

Frente à janela,
pássaro cinzento
em voo rente.
Toque preciso
à mudança de estado
da minha mente.

FOTO 098: BESTEIRA

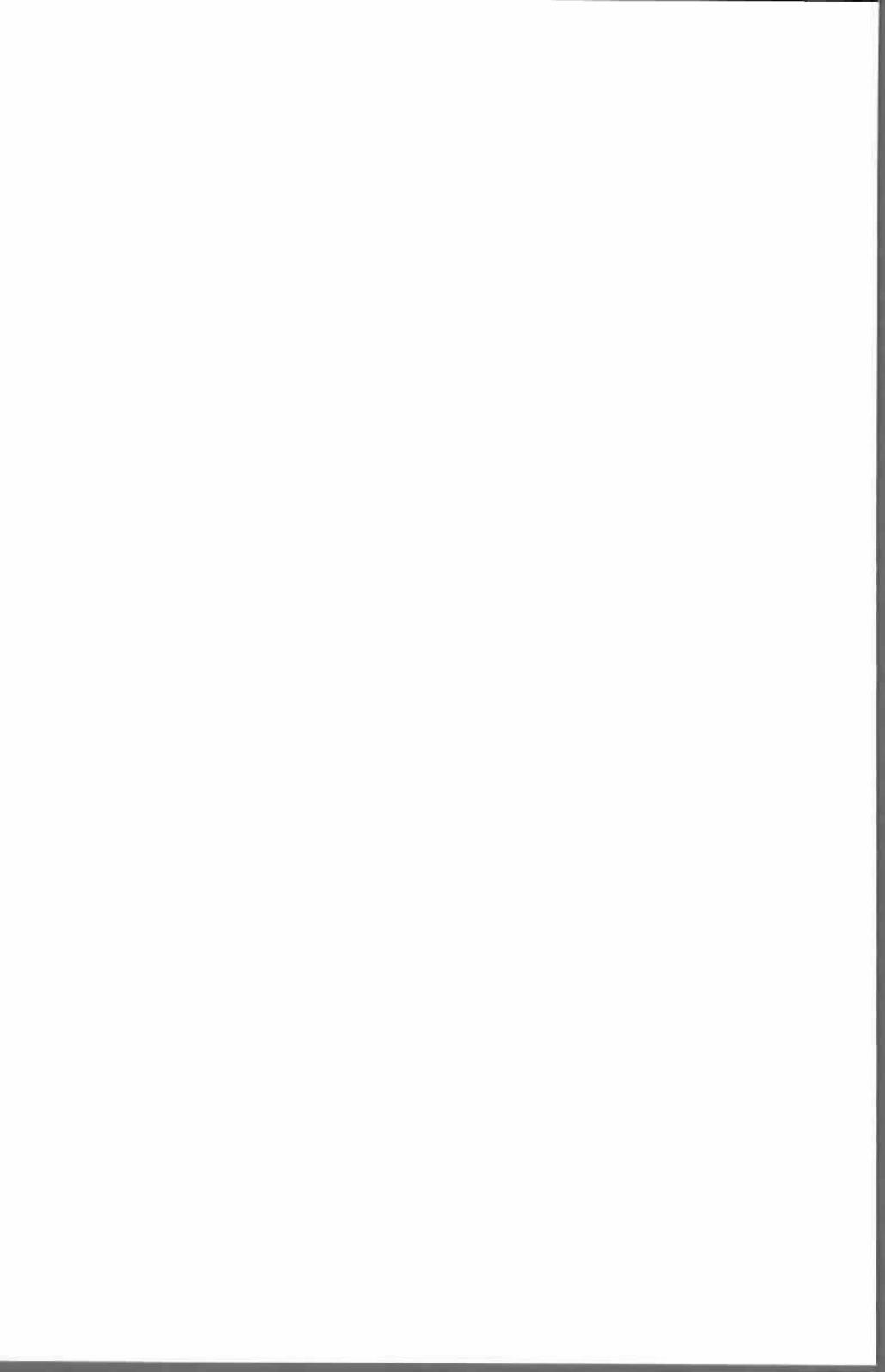
Não me digam que fui.
Digam-me que ainda flui em mim
alguma vontade.
Não me digam a verdade.
Preciso de ilusão.
Poemas inebriantes
ao longo da paisagem.
Salvem-me, camaradas.
Que já não posso meu vinho,
estou sem amor,
estou sem bandeira,
estou sem ninguém,
e tudo é besteira.
Não tenho mais pra onde fugir.
O relógio em meu pulso
já não se aplica
e abdica
de indicar-me as horas.
A bateria acabou
mas continuo... Vivo?
Olho com desconfiança
pra toda criança.
Que futuro?
E o que importa?
Homens e mulheres crescem
e sempre optam pela guerra.
Com a pouca força de vontade,
que quase já não me resta,
gostaria de dizer alguma coisa importante
ou, pelo menos, imponente.
Mas tudo está perdido,
inclusive, o tempo.

FOTO 099: O PRIMEIRO PASSO

O ar hoje está sereno.
No mundo, tão pequeno,
não se jogaram bombas.
Em toda a Terra, resplandece a natureza.
E para qualquer parte que se olhe,
lá está ela: a Beleza.
Não sei se fico quieto ou se manifesto
a toda gente esse prodígio.
Hoje, tudo está tão... Lírio.
Receio fazer mesmo o menor ruído.
Um mundo sem bombas,
sem sombras,
sem dúvida...
Quem sabe,
um dia possa
ser feliz.

FOTO 100: MESA PARA QUATRO

Sorrisos, brindes, festa.
Livro pronto, ao ponto.
Todo lançamento
é também uma despedida.
Muito serenamente,
nesta mesa,
em que somos quatro,
sirvo o meu prato
e fotografo o meu adeus.



DOS SIGNIFICADOS



Tanussi Cardoso

*Para Marcelo Ribeiro
e Ricardo Alfaya*

UM POETA EM BUSCA DOS SIGNIFICADOS

por Ricardo Alfaya*

Quem abrir o livro *Dos Significados*, de Tanussi Cardoso, encontrará mais perguntas implícitas do que esclarecimentos semiológicos. Porém, sairá gratificado.

Basta citar um poema: *Memorabilia*. Esse trabalho conduz a um *Exercício do Olhar* incomum. Um poema cheio de movimento cinematográfico, que faz a mente brincar de ir e vir. Que retira qualquer um da imobilidade mental. Cumpre assim uma das mais belas e profícuas funções da arte.

Dos Significados compõe-se de três seções, cada qual com quantidade equilibrada de poemas e páginas. Isso poderá induzir à crença de que a busca dos significados recairá sobremaneira em seus três tópicos: o silêncio, o amor e as cidades. Só que, longe de qualquer didatismo, o livro não é bem assim.

Para começar, o *silêncio* não aparece apenas na primeira seção. Surge explicitamente nas outras, em vários poemas. Na verdade, atravessa o livro de várias formas. Inclusive, na predominante contenção do falar.

No que concerne especificamente à primeira parte, há uma grande beleza na ideia do silêncio como

gênese do poeta. O silêncio é para o poeta tudo que antecedeu o poema. E também tudo o que a morte fez calar.

Dos Significados é, sobretudo, um livro de meta-linguagem. As duas primeiras seções abrem, falando em poesia. Depois, vêm os outros temas. Ou seja, antes de tudo, a poesia.

A segunda parte, *O Amor e suas Reticências*, além da poesia, trata do amor enquanto sentimento interpessoal e como conceito em si. Lirismo forte, que desafia preconceitos.

Quanto a *Das Cidades*, apenas São Pedro da Serra e bairros da cidade do Rio de Janeiro são explicitamente citados. Porém, há vários poemas cujos personagens são fruto da urbanização. Aqui, encontramos trabalhos de cunho mais diretamente social. Nesta é que temos o *Memorabilia*, que retoma um dos grandes marcos divisores da transformação dos campos em cidades: o advento da ferrovia, ainda no decorrer da Primeira Revolução Industrial.

Nada mais diverso e multifacetário do que uma cidade. E eis o que faz Tanussi nessa seção: constrói sua cidade de poemas. E, claro, estão aqui presentes, conforme nas outras seções, os metalinguísticos. Se as duas primeiras partes se iniciam com dois escritos sobre poesia, a derradeira fechará com dois metalinguísticos extraordinários: *Da Observação dos Gatos* e *7 Perguntas ao Poema*, a evocar também tanto as sete vidas dos gatos quanto os sete dias da Criação.

*Ricardo Alfaya é um dos quatro autores presentes neste *Quadrigrafias*.

1ª PARTE

DOS SILÊNCIOS

Poesia É Sempre Inauguração.

ANTES DO POEMA

solução
sobressalto
salto sem rede
precipício
sede
sacrifício
início do improvável
imprevisível fio
cio de coxas
brilho
feira de peixe
fruto
surto de agonia
rinha
fogão de lenha
ferro quente
fogueira rompendo chão
margem sem beira
senha
capim crescendo
nos muros
em água parada
murro
adágio desafinado
relógio em hora errada
rosto em lago frio
insone noite
de breu
num beco vazio
eu

GÊNESIS (Os nomes)

Meu pai, José,
é a soma
o que acrescenta
em dor e bíblia;
meu pai vem do
barro

Minha mãe, Castilho,
traz um poema
uma ópera
e um castelo

Eu, Cardoso,
um chão cheio de
cardos

NASCIMENTO

nasci quando o silêncio pronunciou
meu nome.

daí esse jeito pra dentro
esse sorriso ao avesso.

nem fogos nem balões nem assovios.

pensou-se uma planta a surgir no escuro
um cão que não soubesse seu cio
uma festa preguiçosa de soluços.

anjos partiram em navios
velas apagaram pavios
rios mudaram seus cursos.

quebrou a sibila seus ovos
aranhas rasgaram teias
mulheres secaram óvulos.

quando nasci a hora veio em aberto.

para que pássaros se esquecessem
do Tempo
corujas se perdessem no vento
cabras se cobrissem em veneno.

daí essa sombra
esse deus que me mente
essa aurora que se faz tão tarde
em meu ventre.

ASAS

Dentro de mim
existem asas.

Às vezes, voam
para viverem o sonho
de completude
e amplidão.

Pura ilusão.

Voltam a habitar
o seu lugar seguro.

Liberdade não precisa de asas
para sair do escuro.

AUTORRETRATO

O tigre, em silêncio,
é o que penso.

Quando ataca,
é o que posso.

REVERBERAÇÕES

Do Silêncio
quem sabe?
Da sua cor,
textura, dor
quem sabe?

Que tramas ele tece?
Que aranhas adormece?
Dorme o Silêncio?
De que gritos se constrói?
De que sombras
se entristece?
Ri o Silêncio?
Chora o Silêncio?
De que peles se reveste?
Que caminhos ele pisa?
Do Silêncio ninguém sabe.
Nem os sábios
nem os tristes;
nem poeta ou profetisa.
Tem Deus o Silêncio?
Tem vida o Silêncio?
É verso ou reverso?
O Silêncio faz verso?
O Silêncio é de ouro?
É santo o Silêncio?

(Absoluto, sublime,
segue o Silêncio
com sua cara
de espanto.)

A MORTE DAS COISAS

um objeto ao cair
derrama um líquido
qualquer no corpo
algum som oco vazio
algum eco de silêncio

a distância ao solo
contém uma vida
uma memória do nada
uma memória de vidro
ou cristal

ninguém sabe
ninguém entende
o suicídio aparente das coisas
antes de se debaterem ao vento
aritmético do voo
antes do barulho final

é só um som
uma explosão
simples como a queda
de um anjo
ou de um homem

a morte contida em cada coisa
que nos observa
a descida irreversível
ao fim de tudo
chão

ORAÇÃO I

Deus é tempestade que não passa.

O sol vive entre as águas
:peixe distraído e diáfano.

Eu morro dócil
e diariamente me afogo

Entre as raízes
que nascem dos meus braços.

Não mais a Terra Prometida
:só a terra a ser morrida.

Eu: palavra que se debate
entre o nada e a liberdade.

Deus é uma vírgula, uma espécie de saudade.

ORAÇÃO II

Amemos o que somos.
Como se ama a um cão
ou ao deus de um romeiro.
O que sobra é o silêncio
ou o desespero.

AS FALAS DO CORAÇÃO

O coração diz do amor
:sapo saltando apressado.

Diz do calor
:cobertor agasalhando a pele.

Diz da hora certa de parar
:relógio atravessando as setas.

(Diz da vida e da morte.)

O coração é o Deus
que bate dentro da gente

sem que saibamos a sorte.

DA ORIGEM

Vimos para observar o caos
Que nos fincou no mundo.

Vimos para erigir a Poesia
Que nos mantém vivos.

Vimos para dar um viva
À desordem que nos contém
E nos edifica.

Não temamos o pó:
Suas partículas forjam a pedra.
E a vida.

RASTROS

para Daniel Senise

O que não tem Face
(*agonia e êxtase*)
queima os furores
eternos dos girassóis.
Fantasma fugidio,
não se prende
ao infinito;
não se explica,
como poesia ou rio.

O que não tem Face
(*verbo e carne*)
não se traduz
nos jornais.
Imprecisa forma,
nos impele ao sonho,
ao medo,
ao impossível.

O que não tem Face
(*passagem e falta*)
não é nada.
Inexiste como vida
e nos faz mais
humanos
em suas fumaças
de desprezo
e engano.

O que não tem Face
(*presença e ausência*)
não tem vestígios
ou marcas.
É sombra
sem imagens:
memória
e esquecimento.

DENTES

Afogada no copo
Na pia
Líquida
A dentadura
Bebe o vazio

Na cama
Sorriso lento
Sonha a mãe
Os dentes antigos

Mastiga o tempo

FATAL

Inútil essa tarde,
a dor no corpo,
essa febre.

*As tarântulas nos quintais
abrigam a hora errada com o veneno certo.*

Inútil o pesadelo,
o sonho,
o amor e seu tédio.

Inútil o verso, o medo,
o fracasso, o mistério.

Tudo tem seu tempo errático.

*Os deuses nos telhados
acendem as velas certas pro defunto exato.*

O TEMPO PRESENTE

Sala escura onde tateamos cactos de incerteza.

Medo do tigre que nos habita.

Abismo do sem fim.

Vida a gotejar.

VARIAÇÃO SOBRE UM MESMO TEMA

para Delayne Brasil

Aonde vai o silêncio
quando costura o seu lençol noturno?
Onde descansará, no cobertor escuro,
vaga-lume amoroso e lento?
Para onde irá
quando a Lua vai dormir na sua morada de gelo?
Onde se esconde o silêncio,
quando as buzinas, os cães e os galos
iniciam as marchas ordenadas pelo Sol?
Onde ele grita,
quando os loucos acordam de suas injeções?
Com quem falará o silêncio
nas horas insones do desespero?
Onde chorará o silêncio,
quando o dia nasce fruta, borboleta e girassol?
Onde o céu do silêncio?
Onde ele nasce?
Onde ele morre?

2ª PARTE

O AMOR E SUAS RETICÊNCIAS

UM POETA

para Ricardo Alfaya

Olho a montanha.

Alguém me pergunta:

- *O que é a montanha?*

- *Não sei... A montanha é só o que vejo.
O que se vê não se sabe.*

- *E o além da montanha?*

- *Ah, isso eu sei... É tudo o que posso tocar!*

PARAFRASEANDO MIA COUTO

*"Também assim é a voz do poeta:
um fio de silêncio costurando o tempo."*

Mia Couto

Quem vê o fio da linha
que tece o tecido?

O fio costura a beleza
escondido sob o branco.

Assim o poeta
costura o seu pano.

O AMOR E SUAS RETICÊNCIAS

para Marcio Carvalho, em memória

I

Quando tu amas,
iluminas as minas
das tuas retinas.

Sabes
as urdiduras,
as rasuras
das tuas texturas.
Soltas as rédeas
das tuas éguas.

Bebes
as águas
das tuas mágoas...

II

E se o amor
se esvai,
renegas
o leite de tuas veias.

Sugas
o sangue dos teus
seios.

Culpas
o tempo em declive,
o gesto perdido,
o carinho indefeso;
o teu corpo morto,
sem nenhum sentido.

Mas recomeças...

PARA JOSÉ INÁCIO VIEIRA DE MELO

Há um quê de
místico
de mítico
mais – de bíblico

um quê de Salomão
Cântico dos Cânticos
Kama Sutra
sons orientais

nos teus versos
machos
e tão fêmeos

nos teus poemas
de águas
de éguas

nos teus poemas
feitos
de pombos

ENTRE LENÇÓIS

o olhar da amada
racha
o escuro

POR ACASO...

para Liliane

... quem foi ao cinema esta semana?
quem hoje leu a poesia do Quintana?
quem com coragem mudou a sua cena?
que tramas descobriu pro seu teatro?
em que espelho construiu a sua flama?
com que dentes sorriu pra Gioconda?
com que tintas coloriu o seu retrato?

quem lembrou da canção e se elevou ao céu?
quem enlouqueceu?
quem viveu e morreu de amar?
quem plantou gerânios e viu Deus?
quem olhou para as manhãs
e se deixou queimar?

BALADA DA DESPEDIDA

para M.

Meu amor se vai

Feito mar deixa na areia
destroços de almas salgadas
peixes faróis navios sargaços
adeuses bocas beijos e madeiras

Meu amor se vai

Feito mar deixa na areia
o corpo azul de algas e enguias
ventos tempos e dunas
memórias velas e ostras

Meu amor se vai

Feito mar deixa na areia
seus ossos trapos ferros
de fantasmas secos
de tanta água

guias gulas e colares
voos séculos e auroras
limos dores e saudades

Feito mar na areia
meu amor se vai

DAS POSSIBILIDADES

para Ana Paula Brucker da Silva

Não lamentes o que és
ou o tempo que poderia ter sido.
O passado não existe
e o que és é futuro.

O amor é sempre a falta de.
O intervalo entre.
A ausência de.
A hora do que seria.
Nunca a completude,
mas o verbo do que poderia.
O amor é sempre
a impossibilidade do possível.

Não chores nem lamentes.
Tua cidade te espera.
Tua cadela te late.
Teu silêncio é tua música.
Tua cama é tua calma.

Pacifica teu coração
que, apesar de tudo,
bate.

O amor pode não ser,
mas a vida é sempre
a possibilidade do impossível.

SETEMBROS

para Rosana

É dado ao amor
cavalgar auroras
diluir-se aos pés dos dinossauros

É dado ao amor
bloquear dunas e diques
dormir no fundo dos pântanos

É dado ao amor
acreditar em primaveras

DOS SIGNIFICADOS

É o poema aquilo o que tentamos
ou seus tentáculos?

É o poema labirinto de encantos
ou esfinge de desencontros?

É o poema o que possuímos
ou o que está solto?

A SEUS PÉS

para o Toy

Sombra, o cão segue o dono.
Entre fúria, choro, ausência,
chuva, sol, ele o segue.
Deita-se aos pés.
Olha de esgueira.
Observa-o.
Seca-lhe as lágrimas.
Entende-lhe os silêncios.
Nada lhe cobra.

(O cão é o dono do dono.)

Simple o amor.
Basta um afago, um cafuné,
umas palavras soltas
nos olhos brilhantes,
água e semente.
O cão nos ensina
o que é laço e corrente.

O Amor É Deus Com Asas.

3ª PARTE

DAS CIDADES

RETRATO

Sou o que escrevo.

A busca permanente
da palavra exata.

E sua ausência.

MEMÓRIA

na casa

não cabe o jardim

não cabe a moça

só a foto na parede

e a fala muda

8 MOTIVOS DA CIDADE

Arpoador:

Miragem: sol no olho em viagem.

Aterro:

*A lua alua alhures:
alva, olhos alumbra.*

Botafogo:

*O barco:
punhal abrindo o mar.*

Jardim Botânico:

Sair por aí a exercitar pássaros.

Pedra do Leme:

*Pousada em cima do monte,
uma asa sem pássaro chora.*

Praça dos Paraíbas:

*Ninguém ouse dizer “o amor não existe.”
O que fazem os velhos, nas tardes,
derramando ternura sobre os pombos?*

Rocinha:

*A pipa no ar dissimula o ato de cortar.
Ágil, baila ao vento o drible certo,
empinando o bico pro céu, moleque e vitoriosa.*

Subúrbio:

*O vento faz dançar
– bailarinas orientais –
as folhas nos quintais.*

MEMORABILIA

esqueço o trem.
e ao esquecer o trem, esqueço
o gesto de adeus
do homem na janela do trem.
esquecendo o gesto de adeus,
esqueço o rosto do homem triste
olhando pela janela do trem.
e esquecendo o adeus e o olhar
do homem triste na janela do trem, esqueço sua
história.
e ao esquecer sua história,
deixo para trás sua vida,
como se deixa partir um trem.

QUADRO

As moscas impacientes
da rodoviária
espantam o sono
das estátuas.

OCEANOS

para Laura Esteves

olhos tristes de amêndoas
bocas sinuosas de silêncios
os portugueses

deuses nas mãos
nos ventos cabelos
os portugueses

rimas nos invernos
hipérboles nos verões
os portugueses

saudade de fados
epifania de poemas
os portugueses

atiram flechas ao sol
para aquecerem os arcos
os portugueses

têm mistérios
que só os mares os sabem
os portugueses

e morrem de amores
pelos sabores dos barcos
os portugueses

HISTÓRIA QUE O VENTO LEVA

só a mãe sabe quando o jardim se abre para a visita semanal o filho dela é bom não é animal não seu moço costumava brincar de pique-esconde soltar pipa até de roda brincava como se fosse menina dizer que agora é mulher de bandido que lava pros presos que tem marido imagine moça logo ele que jogava bola com os amiguinhos no campo perto do bairro namorava as garotas em fila na porta da casa logo ele tia que de tão inocente pegou em arma de fogo pensando que inda era menino e atirou **pá!** ele agora vem correndo me ver e é lindo como seu filho dona e mesmo sem estudo tem os olhos faiscantes quando me aperta forte e me beija assim tão feliz seu guarda

INFÂNCIA

(Superstição)

quando
o amolador
de facas
chega

com sua
cantilena
fina e
fria

diz o povo

morre
alguém
no 3º dia

dona joana
morreu

ENGRAXATES

para José Henrique de Freitas

aqueles meninos
incômodos
aos homens
de terno
comendo por cima
mastigando de lado

aqueles meninos
ajoelhados
fazendo no dia a dia
a oração da humildade

aqueles meninos
engenhosos e rápidos
numa manobra de mãos
tocam samba sem pandeiro
nos sapatos de cuíca
pelo pão que não comeram

aqueles meninos
que apesar de tudo
ainda
agradecem

MENINO DE RUA

I

primeiro
os olhos
as mãos
depois
(brilho e tremor)

agora
o corpo
e
os dentes
(coisa e filete)

dentro
o medo
bem
dentro
(faca e brinquedo)

II

de dia
nuvem
e
carvão
(exatas asas exaustas)

de noite
casa
e
porão

III
a fome
sempre
(cemitério e rua)

o amor
nunca
(tiro e fuga)

o sonho
enforca
(cama e oca)

a vida
nojo
(cola e enjoo)

o nome
não
(corda e cão)

LUZ

os fios do poste amparam o sol

a tarde respira o ventre da noite

dentro de mim espera o bote
a cobra que se enrola escondida

sentado no meio-fio
aprendo com as pedras
o silêncio e a sabedoria

NOTURNO DE SÃO PEDRO DA SERRA

para Marcio, Nallú e Rô

A cidade dormindo
inventa fantasmas
cachoeiras e cavalos.

É mãe noturna
de sonâmbulas filhas
a cidade dormindo.

*(Sonho de virgens
menstruadas
ilhas recatadas
sereno.)*

A cidade dormindo
vê corujas piando beijos
bruxas e cobras
veneno
beija a flor com seus desejos.

Tem gosto amargo
de sombras e rãs
a cidade dormindo.

*(Exala cheiros estranhos
pó e matos queimados
cevadas
chás e morcegos.)*

E é tão bela e é tão triste
e é tão sozinha
a cidade dormindo.

*(Bois sussurrando no cio
em seus lençóis de silêncio.)*

INDISCERNÍVEL

O que se explica: Amor.
O que se explica: Deus.
O que se explica: Mar.
O que se explica: Morte.
O que se explica: Vida.
O que se explica: Céu.

*Os pássaros, os pássaros,
os pássaros, Cecília,
os pássaros não se explicam.*

APENAS UMA RAZÃO

Escrevemos para agarrar
o que não sabemos.

O que não cabe em nós
mas intuímos.

Escrevemos para possuir
o que não vemos.

Alguma coisa movediça.
Luz intranquila.
Boca imensa a nos engolir.

Escrevemos para agarrar a vida.

A VIDA COMO NOTÍCIA

Nem sempre a poesia é mais que a vida.

“Madagascar é destruída por gafanhotos.”

A vida ela mesma, rascunho e risco.

DA OBSERVAÇÃO DOS GATOS

para Helena Ortiz

o gato guarda
em si
um poeta

nos ritmos
e nas
pausas

nos cios
de seus
silêncios

nos saltos
por seus
fantasmas

nas luas
de seus
mistérios

nas rimas
de seus
miados

:
por amar
a liberdade
dos telhados

7 PERGUNTAS AO POEMA

1ª

Meu poema
risco:
que olhos limpam seus
ciscos?

2ª

Meu poema
carne:
em que tardes o verso
arde?

3ª

Meu poema
casa:
que mortos tocam-lhe
harpas?

4ª

Meu poema
água:
que vinhos secam-lhe as
mágoas?

5^a

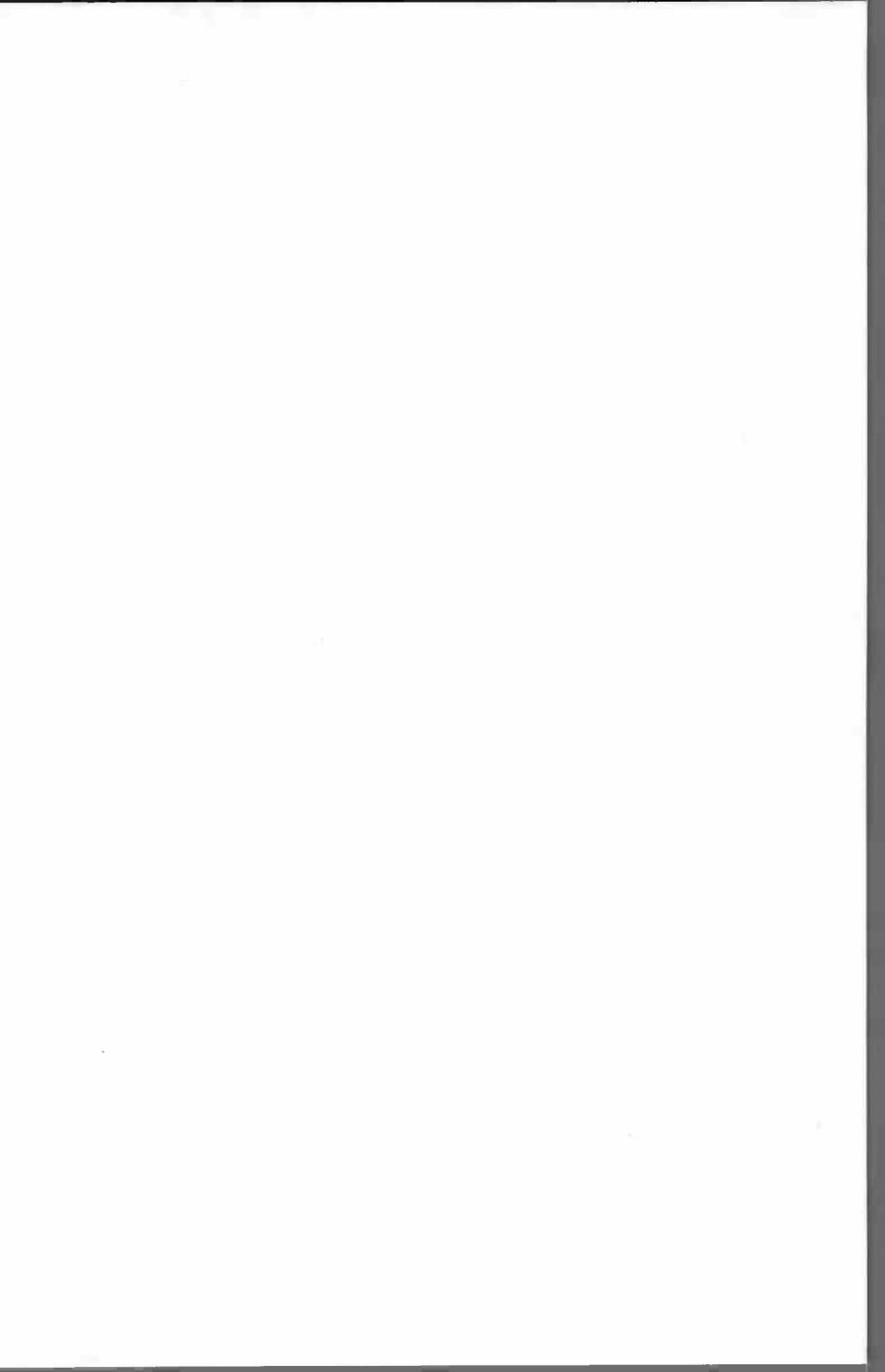
Meu poema
cama:
com que rima sonha quem
ama?

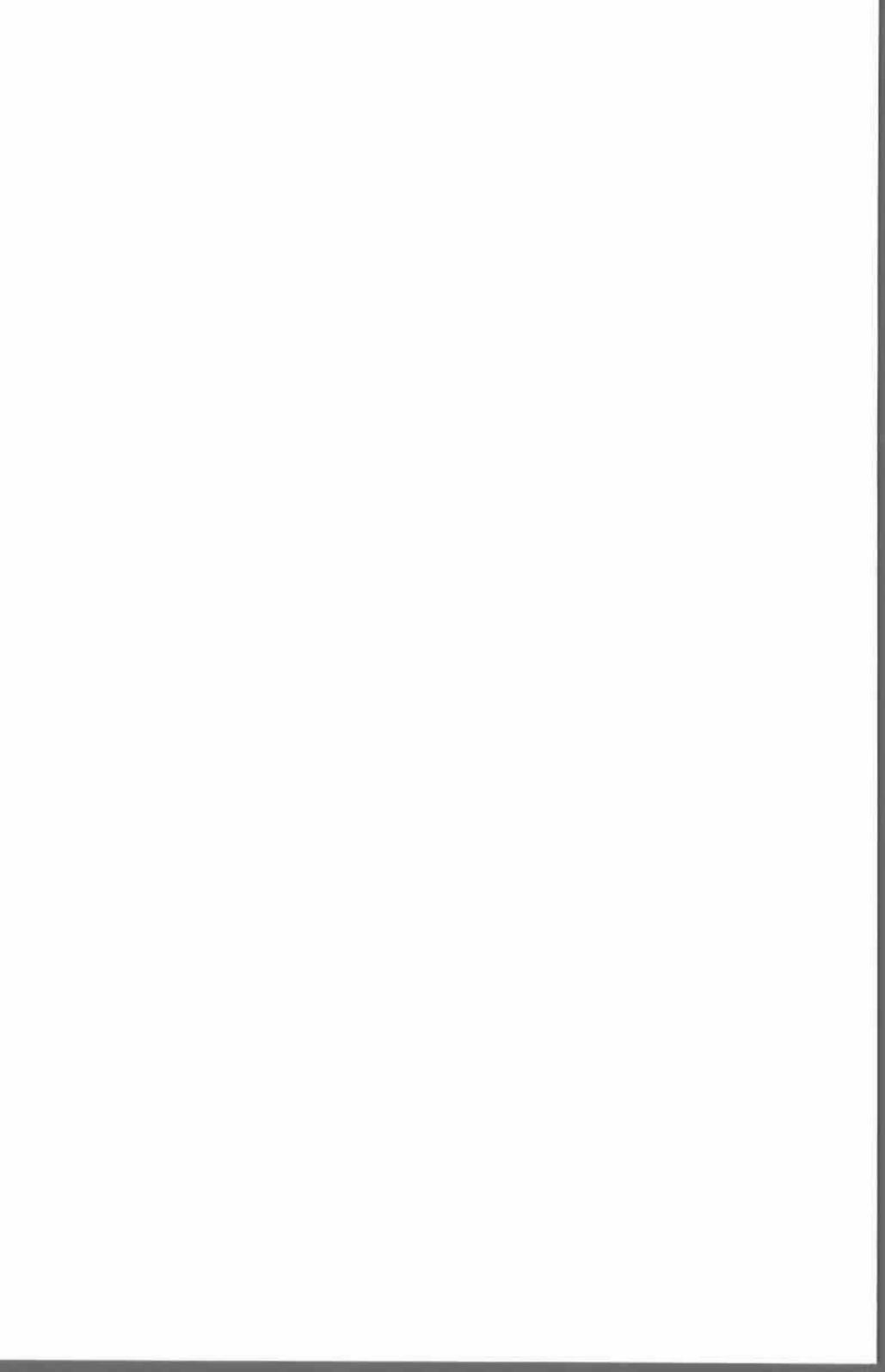
6^a

Meu poema
umbigo:
de que pele se veste o
domingo?

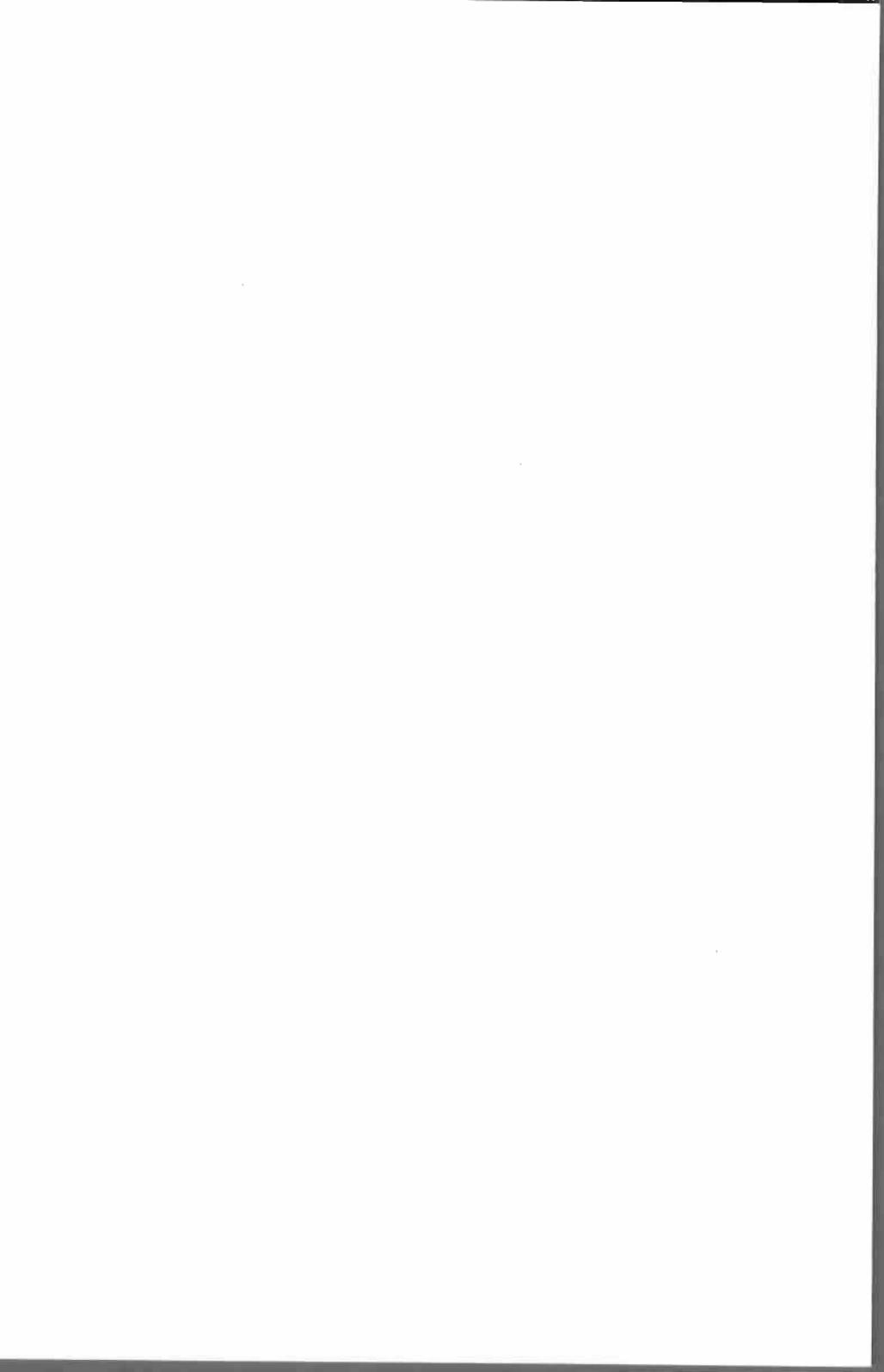
7^a

Meu poema
sina:
qual a hora em que tudo se
finda?





BIOGRAFIAS DOS
AUTORES



Elaine Pauvolid, carioca, 1970. Poeta e artista plástica. Publicou: *Brindei com mão serenata o sonho que tive durante minha noite-estrela...* (Imprimatur/7 Letras, 1998), *Trago* (edição artesanal, 2002), *Leão lírico* (edição da autora, 2008), *O silêncio como contorno da mão* (Selo Orpheu/Multifoco, 2011). Idealizou e organizou o Sarau do João do Rio, em 2000, com grande repercussão à época. Assinou resenhas literárias, durante 10 anos (1999/2009), para jornais, como: *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Jornal do Commercio*. Em parceria com Márcio Catunda, Ricardo Alfaya e Tanussi Cardoso, publicou *Vertentes: coletânea de poemas e fortuna crítica* (Fivestar, 2009) e *Rios* (Íbis Libris, 2003). A partir de 2011, começou a desenvolver trabalhos em artes visuais. Aluna da Escola de Artes Visuais, de 2003/2013, estudou com José Maria Dias da Cruz, João Magalhães e Suzana Queiroga, entre outros. Esteve sob orientação de Milton Machado, no grupo de estudos Acompanhamento de artista, em 2013. Participou como finalista do 4º Prêmio Belvedere, e do evento Zebra Significa, organizado por Lilian Zaremba, em 2013. *E-mail*: epauvolid@gmail.com

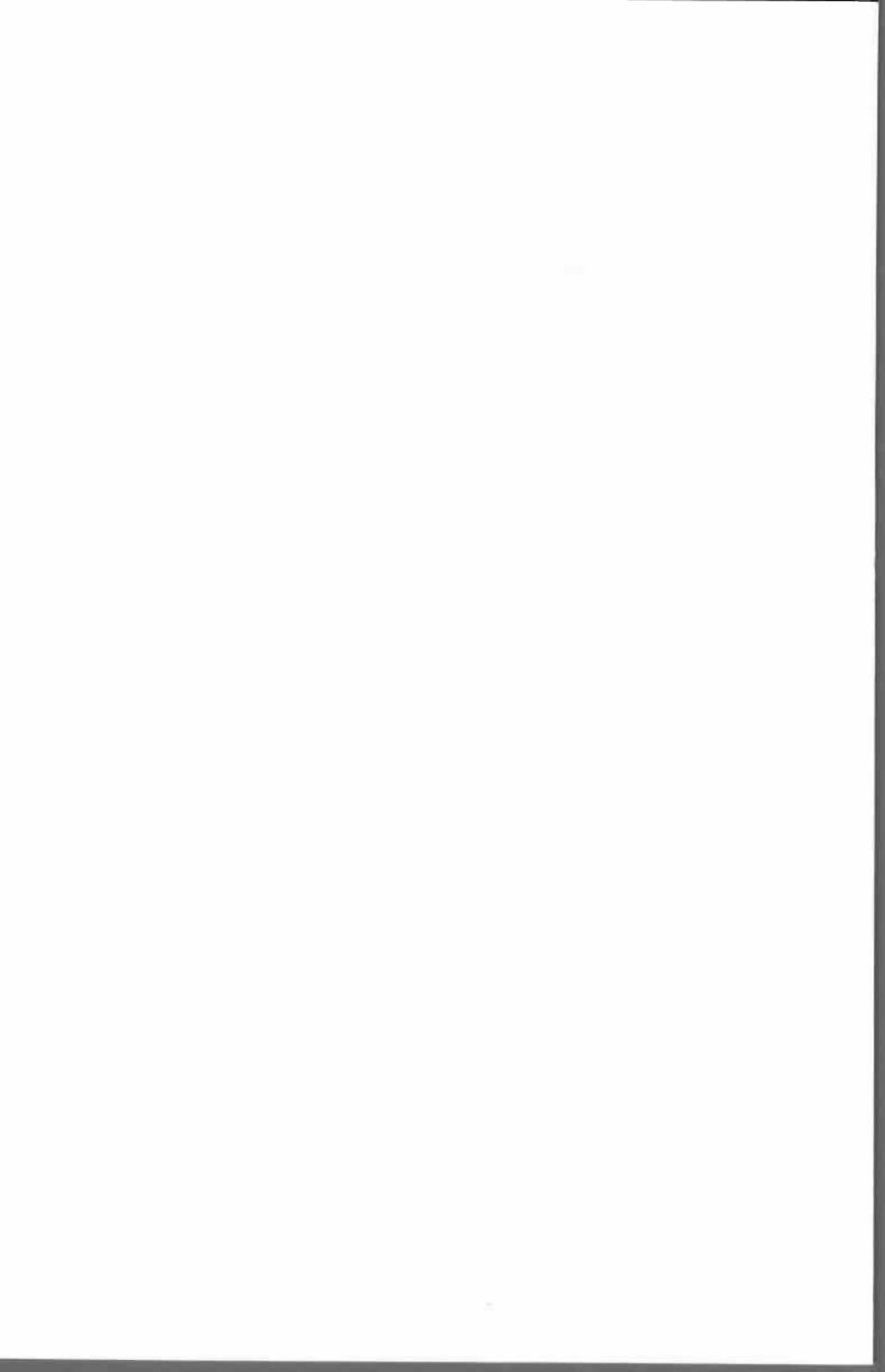
Márcio Catunda Ferreira Gomes, Márcio Catunda, nasceu em Fortaleza, em 22.05.1957. Coursou Direito, na Universidade Federal do Ceará, em 1979. Formou-se pelo Instituto Rio Branco, Brasília, em 1985. Em 1989, Faculdade de Letras, CEUB, Brasília. Trabalha atualmente na Embaixada do Brasil, em Argel. Atuou em nove movimentos culturais, desde 1975. Colaborou em inúmeros periódicos literários. Possui 45 títulos publicados, entre livros individuais e CDs, no Brasil e no exterior. Estreia, em 1976, com *Poemas de Hoje* (com Natalício de Barroso Filho), em Fortaleza. Algumas das obras: *Incendiário de Mitos*, poesia, 1980, Fortaleza. *Encantador de Estrelas*, poesia, 1988, Brasília. *Pilares del Esplendor*, poesia, 1992, Lima, Peru. *A Essência da Espiritualidade*, ensaios, 1994, Lima, Peru. *Poèmes Écologiques*, poesia, 1996, Bellegarde, França. *Anthologie Sonore*, CD de poemas recitados em três idiomas, 1997, Genebra, Suíça. *Rosas de Fogo*, poesia, 1998, Rio de Janeiro. *Engenho Urbano*, em *Rios*, Rio de Janeiro, 2003. *Madrid y Otros Idilios*, 2004, poesia, S. Domingos, Rep. Dominicana. *Sintaxe do Tempo*, poesia, 2005, Fortaleza. *Plenitude Visionária*, poesia, 2007, Lisboa, Portugal. *O Dom de Orfeu*, poemas musicados, 2007, Madri, Espanha. *Meditações Líricas*, em *Vertentes*, Rio de Janeiro, 2009. *Emoção Atlântica*, poesia, 2010, Rio de Janeiro. *50 Poemas Escolhidos pelo Autor*, Rio de Janeiro, 2011. *Escombros e Reconstruções*, poesia, Thesaurus, Brasília, 2012 (com o qual ganhou o prêmio de Melhor Livro do Ano, em seu gênero, conferido pela ACL, Academia Carioca de Letras). *Dias Insólitos*, poesia, Madri, Manuscritos, 2013.
E-mail: marciocatunda@hotmail.com

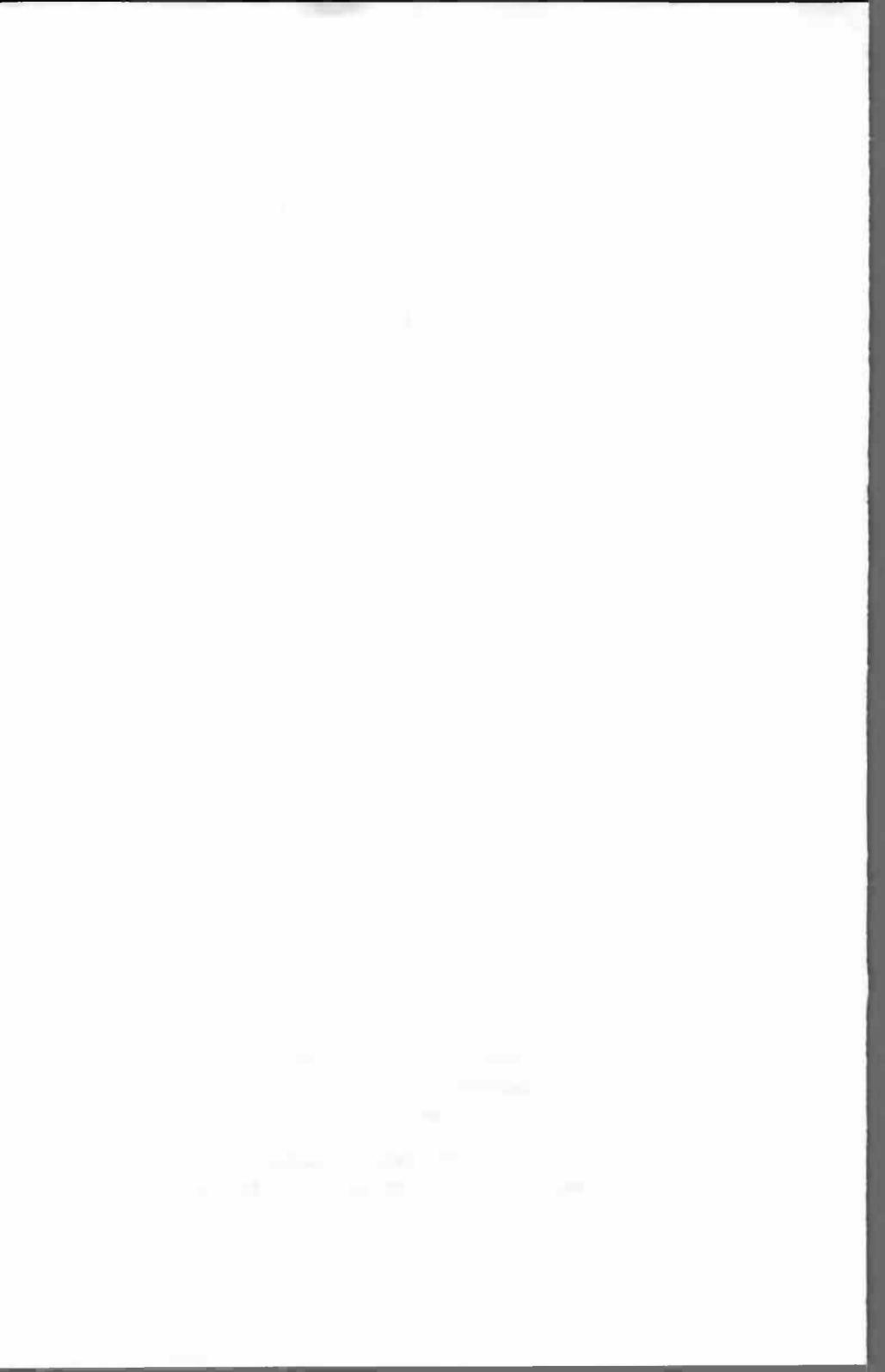
Ricardo Ingenito Alfaya, Ricardo Alfaya, é carioca, de 08.08.1953. Filho de Ricardo Ambrosio Alfaya Garcia e de Maria do Carmo Ingenito Alfaya. Divorciado, sem filhos. Formado em Direito e em Comunicação Social, com especialização em Jornalismo. Escreve em verso e prosa. Faz poesia visual. Autor dos livros de poesia: *Através da Vidraça*, São Paulo, Poeco Editores (atual João Scortecci Editora), 1982. *Sujeito a Objetos*, em *Rios, coletânea de poemas*, Rio de Janeiro, Ibis Libris, 2003. *Frutos da Paixão*, em *Vertentes*, Rio de Janeiro, Five Star, 2009. Integra 45 obras coletivas em livro. Obteve 40 prêmios literários. Dentre esses, sua inclusão por Leila Mícolis no projeto *Brasil 500 Anos de Poesia*, seleção dos mais significativos nomes da poesia brasileira. É apresentado como referência e exemplo no estudo *Beyond the Page: Brazilian Poetry since Modernism*, da autoria do poeta e crítico literário Harry Polkinhorn, Diretor do San Diego State University Press, na Califórnia. A convite dos escritores e editores Sérgio Gerônimo e Márcia Leite (Oficina Editores e APPERJ), atua como jurado no *II Festival de Poesia Falada do Rio de Janeiro — Prêmio Francisco Igreja*, em 2009. Participa também como jurado, em 2013 e 2014, em dois concursos (de poesia e contos), patrocinados pela editora Literacidade, de Belém-PA. Consta da *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, direção de Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa, sob a coordenação atual de Graça Coutinho e Rita Moutinho. Tem poemas publicados e traduzidos em 11 países. Vem trabalhando como revisor *freelancer* para as editoras Protexto, de Curitiba-PR, e Literacidade; atende também clientes particulares. *E-mail*: ricard50@ig.com.br

Tanussi Cardoso é carioca, de 1946. Formado em Jornalismo, pela PUC, e em Direito, pela Bennett; ambas, no Rio de Janeiro. Poeta, crítico, contista e letrista de MPB. Seu nome é verbete da *Enciclopédia de Literatura Brasileira* (Fundação Biblioteca Nacional) e do *Dicionário Cravo Alvim da Música Popular Brasileira*. Tem poemas publicados na Argentina, Chile, Colômbia, Espanha, EUA, França, Itália, México, Portugal, Peru, Uruguai e Romênia. Também, traduzidos para o inglês, francês, espanhol, italiano e russo. Seu poema *Miragens* foi publicado em cartão da Telemar, numa tiragem de 200.000 exemplares. Está em dezenas de antologias nacionais e internacionais, como *Amar – Verbo Atemporal, 100 poemas de amor*, org. de Celina Portocarrero, Ed. Rocco, 2012; *Le Printemps du Bresil*, org. e versão para o francês de Jean-Paul Mestas, Jalons Hors Série, Paris – França, 2012; *Roteiro da Poesia Brasileira – Anos 70*, org. de Afonso Henriques Neto, Ed. Global, 2009; *Arquitectos del Alba*, org. de José Guillermo Vargas, Ed. Maribelina, Casa Del Poeta Peruano, Lima – Peru, 2009; *Il Antologia de Poetas Lusófonos*, org. de Arménio Vasconcelos, Ed. Folheto, Leiria – Portugal, 2009. Recebeu mais de 40 prêmios literários, sendo 13 deles de primeiro lugar em concursos. Publicou dez livros de poesia, entre eles: *Del Aprendizaje del Aire / Do Aprendizado do Ar*, Ed. Fivestar, 2009, bilíngue, tradução de Leo Lobos e Angélica Santa Olaya. *50 Poemas Escolhidos pelo Autor*, Ed. Galo Branco, 2010, obra premiada. *Exercício do Olhar*, Ed. Fivestar, Rio de Janeiro, 2006 – obra duas vezes premiada. *Viagem em Torno de*, Ed. 7Letras, Rio de Janeiro, 1ª edição: 2000; 2ª edição: 2001. Livro duas vezes pre-

miado. É membro do Pen Clube do Brasil e da União Brasileira de Escritores, UBE-RJ, e da APPERJ. É o atual Presidente do Sindicato dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro (SEERJ).

E-mail: tanussicardoso@uol.com.br.





ESTE LIVRO FOI IMPRESSO NA SERMOGRAF
PARA A EDITORA UAPÊ – ESPAÇO CULTURAL BARRA LTDA.,
EM JANEIRO DE 2015

Editora UAPÊ Espaço Cultural Barra
Av. Olegário Maciel, 511 – sala 303 – Barra da Tijuca
CEP 22621-200 – Rio de Janeiro – Tel.: (21) 2493-9175

do do eu, em seus poemas, conduz o leitor a sucessivas descobertas, em que as máscaras se sucedem, numa poesia que tem algo de espetacular. Minhas felicitações sinceras. (**Lêdo Ivo**, e-mail de 16.08.2012).

A poesia de Ricardo Alfaya, mesmo quando o tema não é a paixão, exala paixão por todos os poros. Por isso, nos apaixona. Em Frutos da Paixão, sentimos uma poesia feita com naturalidade na criação. Poemas curtos, gostosos de ler. Em tempo: Ricardo Alfaya é, sem sombra de dúvida, um dos mais importantes poetas deste país. (**Rogério Salgado**, crítico e editor de Belo Horizonte, em *Vertentes: uma das melhores coletâneas de poemas dos últimos anos*. No blog *Suíte das Letras*, em 20.03.2010 e na edição, de março de 2011, da virtual *Germina Literatura*).

Não tenho dúvidas em escrever que Tanussi Cardoso é o poeta que mais admiro atualmente no Rio de Janeiro. Tanussi tem o timbre diferente, o seu valor especial e marcante. Com muito talento, e com o seu projeto literário diuturnamente construído, é que se vai fazendo a excelente poesia de Tanussi Cardoso, uma das melhores hoje no Brasil (**Gilberto Mendonça Teles**, em prefácio a *Exercício do Olhar*, 2006).

a verdade não se comunica

Elaine Pauvolid

As janelas dos prédios,
a tarde azulada,
o encanto de estar só.

Márcio Catunda

Sozinho, no Monte Sinai,
nenhuma tábua,
nenhum sinal.

Ricardo Alfaya

o olhar da amada
racha
o escuro

Tanussi Cardoso

